

O Lugar dos Avós no desenvolvimento e aprendizagem das crianças no Jardim de Infância

Relatório de estágio para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Solange Isabel Pernas Sabino

Orientadora:

Professora Doutora Gracinda Hamido

2021, junho

“O significado do ser avô ou avó é a interpretação que o neto ou neta têm dos seus avós. A representação é a da relação, a do jogo jogado, a das descobertas secretas, a dos passeios cúmplices, a das partidas partilhadas, a das histórias fantásticas, a das coisas aprendidas, a das guloseimas escondidas, a das brincadeiras inventadas.”

(João Gomes Pedro, 2005)

Agradecimentos

Gostaria de expressar o meu enorme agradecimento a todos aqueles que me ajudaram a completar o meu caminho até aqui e que com o seu apoio incondicional ajudaram na concretização deste sonho de ser educadora de infância.

À professora Gracinda Hamido por me ter acompanhado em todo este processo de construção do relatório, por toda a dedicação, disponibilidade e apoio que me deu ao longo de todo este processo. Foram muitas as aprendizagens que me proporcionou e pelas palavras de carinho e incentivo quando mais necessitei. Agradeço também a todos os docentes que participaram no meu percurso académico e que me transmitiram aprendizagens que foram e são essenciais para o meu desempenho profissional.

Agradeço também a todas as educadoras cooperantes que me acolheram nas suas salas e que me ajudaram a crescer profissionalmente. E também a todas as crianças que espalharam amor e carinho no meu coração nos diferentes contextos de estágio.

Agradeço, do fundo do coração, aos meus pais e irmãos por toda a educação, por me incentivarem a seguir os meus sonhos, por confiarem em mim e por terem tornado este percurso possível. À minha restante família por me ajudarem em todas as fases da minha vida, por me apoiarem quando preciso e por demonstrarem uma constante preocupação em saber como estava a correr o curso.

Um agradecimento especial ao meu namorado João, por todo o apoio incondicional e, principalmente, pela paciência que teve comigo ao longo deste processo.

Por fim, quero agradecer a todos os meus amigos, dos mais antigos, aos mais recentes, aos que fiz em Santarém, por estarem sempre presentes, pela ajuda prestada nos bons momentos e nos momentos mais difíceis, são muitas memórias que vou levar desta etapa da minha vida.

Um grande obrigada por tudo o que fizeram por mim ao longo do meu percurso académico e da minha vida!

Resumo

O presente relatório descreve e analisa as minhas práticas de ensino supervisionada, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. O relatório está organizado em duas partes, a primeira engloba, de forma reflexiva, a prática pedagógica desenvolvida nos diferentes contextos de estágio (caracterização da instituição, planeamento e avaliação das atividades). A segunda parte engloba todo o processo de investigação realizado.

Este processo teve como principal objetivo investigar, a partir da voz das crianças e da análise da minha própria ação, a importância da relação entre avós e netos e a sua influência e contributos para a prática educativa. Utilizando uma metodologia de investigação-ação, recolhi dados que me permitiram concluir acerca do impacto positivo da relação com os avós na aprendizagem e bem-estar geral das crianças, assim como acerca da importância da escuta atenta das crianças e incorporação dessa observação na implementação da ação educativa.

Palavras-chave: Intergeracionalidade; Avós; Jardim de Infância; Desenvolvimento Profissional; Educadores.

Abstract

This report describes and analyses my supervised teaching practice in the scope of the Master's degree in Kindergarten Education by the *Escola Superior de Educação*, in the *Instituto Politécnico de Santarém*.

The report is organized in two parts. The first part encompasses, in a reflexive way, the teaching practice developed in different internship contexts (characterization of the institution, planning and evaluation of activities). The second part encompasses all of the research process.

The main goal of this thesis was to research, focused on the children spontaneous words and on the analysis of my action, the importance of the relationship between grandchildren and grandparents and its influence and contribution to the children learning process.

Using an 'action-research' methodology, I have collected data that enabled me to conclude on the positive impact of the relationship between grandchildren and grandparents on the children learning abilities and general well-being. I've also concluded on the importance of closely listening to the children and on the inclusion of those findings during the implementation of my teaching practice.

Keywords: Intergenerationality; Grandparents; Kindergarten; Professional development; Educators.

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice de Abreviaturas	vi
Índice de Quadros.....	vi
Índice de Figuras	vi
Índice de Anexos	vi
Introdução.....	1
Parte I – Práticas de Ensino Supervisionada	3
1.1. Contexto de estágio em Creche e Jardim de Infância	3
1.1.1. Prática de Ensino em Creche.....	3
Planeamento e operacionalização da atividade educativa	5
Avaliação do projeto	9
1.1.2. Prática de Ensino em Jardim de Infância	11
Planeamento e operacionalização da atividade educativa	13
Avaliação do projeto	18
1.2. Percurso de Desenvolvimento Profissional.....	21
Parte II - Investigação	23
2.1. Contextualização do Estudo	23
2.2. Revisão de Literatura.....	24
2.2.1. Os avós... na vida dos netos em desenvolvimento.....	24
2.2.2. Os avós...no Currículo para a Educação de Infância.....	27
2.2.3. Os avós... na reflexão e na prática dos Educadores	28
2.3. Metodologia.....	29
2.3.1. Contexto e participantes do estudo.....	30
2.3.2. Opções Metodológicas: procedimentos e ética.....	31
2.4. Apresentação e discussão dos resultados	32

Reflexão Final.....	43
Referências Bibliográficas.....	45
Anexos.....	46

Índice de Abreviaturas

EE	Encarregados de Educação
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
JI	Jardim de Infância
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
PES	Prática de Ensino Supervisionada
TAI	Técnico de Apoio à Infância
UC	Unidade Curricular

Índice de Quadros

Quadro 1 - Caracterização do Grupo de Crianças	4
Quadro 2 - Caracterização do grupo de crianças	12
Quadro 3 - Análise dos Dados Recolhidos	37

Índice de Figuras

Figura 1 - Atividade de Colagem Livre	8
Figura 2 - Atividade de Colagem Livre – Produto Final	8
Figura 3 - Exploração dos Balões e das Bolas de Sabão	9
Figura 4 - Pista de Obstáculos	9
Figura 5 - Registo Fotográfico da Atividade	16
Figura 6 - Atividade das Palavras Mágicas	16
Figura 8 - Realização dos Retratos dos Avós	18
Figura 7 - Retrato dos Avós com Registo Escrito	18

Índice de Anexos

Anexo I – Diário de Campo

Anexo II – Descrição da Atividade “Os meus avós”

Anexo III – Descrição da Atividade “História dos Avós”

Anexo IV – Planificação da Atividade “História dos Avós”.

Introdução

O presente relatório foi elaborado com o objetivo da obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação de Santarém. O relatório relata todo o percurso concretizado ao longo dos três semestres que englobam o Mestrado e foi realizado no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II (PES). O trabalho desenvolvido reflete o meu percurso de desenvolvimento profissional, assim como as minhas aprendizagens, dúvidas e questões originadas e superadas através de projeto que culminou com a investigação desenvolvida na prática. Todos os estágios me proporcionaram diferentes experiências e aprendizagens que fizeram com que melhorasse a minha prática, principalmente fez com que valorizasse a importância da reflexão na ação e que fizesse uma melhor ligação entre a teoria e a prática.

No que toca à estrutura do relatório, o mesmo está organizado e dividido em duas grandes partes, sendo que a primeira engloba a componente de intervenção pedagógica concretizada nos diferentes contextos de estágio da PES, e a segunda parte integra a investigação desenvolvida no decorrer de todo o Mestrado. A parte I contempla as caracterizações das instituições, das salas onde decorreram os estágios e das respetivas crianças, que por sua vez, foram os intervenientes na minha investigação. Ainda nesta parte podemos verificar todo o processo reflexivo, planeamento e operacionalização das atividades, assim como a avaliação das mesmas. A parte II foca-se no trabalho investigativo sobre a presença e importância dos avós na vida e desenvolvimento dos netos. Esta parte apresenta a contextualização do estudo, onde estão evidentes as questões orientadoras inerentes ao processo de investigação; a revisão de literatura, que suporta aspetos como o valor dos avós e a importância da relação desta geração com as crianças, uma leitura das OCEPE enquanto quadro para o trabalho com as crianças e seu relacionamento com os avós, e a importância do desenvolvimento da profissionalidade e da reflexão sobre a prática. A nível de aspetos metodológicos, são indicadas as opções metodológicas, o contexto e participantes do estudo, os procedimentos éticos e investigativos e, por fim a apresentação e análise dos dados recolhidos e os resultados obtidos. Para terminar, é apresentada a reflexão final face ao estudo, onde saliento a importância de todo este percurso ao longo do mestrado, bem como o importante contributo deste relatório para a minha formação tanto a nível profissional como pessoal.

O projeto de investigação surgiu da altura em que frequentava o curso profissional de Técnica de Apoio à Infância (TAI), em que foi sentida a necessidade de descobrir mais

acerca desta relação entre a geração de avós e netos e qual o impacto desta relação no desenvolvimento e aprendizagens das crianças. Ao longo de todos os estágios, fui observando os pequenos e grandes detalhes entre estas duas gerações e é incrível como a ligação que os une é tão maravilhosa.

Parte I – Práticas de Ensino Supervisionada

1.1. Contexto de estágio em Creche e Jardim de Infância

1.1.1. Prática de Ensino em Creche

O primeiro estágio foi realizado em Santarém e de acordo com o estatuto da instituição (2017) esta é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) sem fins lucrativos e está sob a responsabilidade da Diocese de Santarém. O seu objetivo fulcral é desenvolver atividades de ação social e educacional, através de várias respostas sociais. A unidade é composta por duas valências de Creche e uma de JI com duas salas de cada faixa etária (3, 4 e 5 anos). A instituição possui um projeto educativo intitulado “Bens e Valores” que tem como principal foco a valorização do desenvolvimento humano em todos os sentidos, procurando sempre a verdade e a alegria de viver, promovendo a maturação progressiva e harmoniosa da identidade individual de cada indivíduo segundo a sua faixa etária, as suas motivações, capacidades, valores morais, éticos e cristãos. Este projeto visa, também, dar resposta a uma visão institucional própria: “Atualmente o apelo aos valores é uma constante, contudo verifica-se cada vez com mais frequência problemas sociais e morais, tais como a violência e a falta de respeito pelo outro” (CSIS, 2018) fomentando, nas crianças, como se pode verificar no projeto educativo (2019) valores de “ética, integridade, humildade, cooperação, disciplina e respeito pelo outro”.

Pela observação realizada, as salas estão divididas por diferentes áreas lúdico-educativas como a casinha, a garagem, a expressão plástica, entre outras. Estas salas também possuem mesas com cadeiras à sua volta, o tapete onde se podem sentar em vários momentos e outros materiais, podemos dizer que todas as salas da instituição estavam equipadas com materiais educativos adequados a cada faixa etária e às necessidades e interesses do grupo. As salas da instituição são bastante coloridas, com bastante luminosidade, com janelas, com diversos brinquedos lúdico-educativos, materiais que promovem diversas aprendizagens nas crianças tanto através da brincadeira como através da realização de trabalhos. Estas salas também dispõem os materiais criados e elaborados pelas crianças em placares, que as crianças conseguem ver. Nestes placares também são expostas informações e novidades para os encarregados de educação e restante comunidade educativa.

A sala onde realizei o estágio é composta por duas partes, a sala e o fraldário. Quanto ao grupo de crianças, este apresentava as seguintes características:

Quadro 1 - Caracterização do Grupo de Crianças

Número de Crianças	16
Idade	Entre os 21 e os 32 meses (sala dos 2 anos)
Sexo	5 raparigas e 11 rapazes

No início do estágio, no que toca à autonomia na higiene, apenas quatro crianças tinham total controlo sobre os esfíncteres, pedindo para ir à casa de banho quando necessitavam e já não usavam fralda nem para dormir, as restantes, usavam todas fraldas. Nas refeições, já todas as crianças comiam autonomamente, inicialmente comiam com garfo e colher, sendo que quando o estágio terminou já usavam o garfo e a faca. Na hora da sesta, cerca de onze crianças descalçavam os sapatos sozinhas na hora da sesta, mas apenas seis calçavam autonomamente os sapatos sem ajuda.

No geral, era um grupo bastante atento, curioso, interessado e participativo nas atividades e brincadeiras livres. A maior parte das crianças realizava autónoma e individualmente as brincadeiras e sabia partilhar, brincar em conjunto. O grupo, a nível geral, apesar de não realizar muitas atividades relacionadas com as expressões, apresentava um especial interesse pelas atividades que envolviam a expressão plástica, nomeadamente, a pintura com as mãos; apresentavam curiosidade e um grande entusiasmo pelas histórias e também pelas diversas áreas constituintes da sala.

Relativamente a casos individuais, é de destacar o baixo nível de envolvimento nas atividades realizadas da criança J, a mais nova da sala. Além disso, era ainda um pouco perceptível nos outros momentos do dia o seu individualismo nas brincadeiras livres, ainda que ao longo do estágio tenha mostrado alguma evolução, contudo um dos motivos deste seu distanciamento, deveu-se ao facto da criança ser um pouco introvertida e ainda estar na fase de adaptação.

Através da observação realizada durante a prática de estágio foi possível constatar que este era, também, um grupo com algumas regras já interiorizadas, devido ao estímulo que receberam desde a sala de um ano, sempre com a mesma educadora, como por exemplo: estar sentado no tapete quando uma história está a ser contada ou só irem brincar após a autorização da educadora.

Quanto às áreas da sala, no geral, a maioria das crianças não tinham áreas preferidas, brincavam em todas elas ao longo do dia. No entanto, três crianças tinham preferência pela área da casinha e duas por brincar no tapete com os legos e/ou com os animais. Foi possível observar, neste grupo, que cerca de cinco crianças tinham um acentuado

desenvolvimento da linguagem, as restantes falavam um pouco, havendo duas que ainda pronunciavam poucas palavras. O grupo foi bastante estimulado através das histórias, das canções e das conversas realizadas durante o dia, tanto com as outras crianças como com a estagiária, educadora e ajudante de ação educativa de sala.

Planeamento e operacionalização da atividade educativa

O projeto planeado e desenvolvido ao longo do estágio designava-se “As Expressões Artísticas”. Este tema foi escolhido, uma vez que no projeto educativo da sala a educadora já integrava as expressões artísticas, mas que estas não eram muito realizadas e apesar de estarem interligadas em qualquer atividade, havia conteúdos que ainda poderiam ser explorados e trabalhados. Então juntamente com a educadora, chegámos à conclusão de que as expressões artísticas (expressão musical, expressão físico-motora, expressão plástica e expressão dramática) seria o ideal, uma vez que estas faziam parte dos interesses e necessidades do grupo.

As expressões artísticas são bastante importantes no desenvolvimento da criança, pois ajudam-na a expressar-se, a conhecer o mundo, a conhecer-se a si própria e as suas potencialidades, a interagir com o outro e a contactar com numerosas experiências desde as atividades de exploração do corpo, da voz, do espaço, de objetos, tudo isto são momentos de enriquecimento.

Com este projeto, teve-se presente a perspetiva de Sousa (2003), este refere que as expressões artísticas se baseiam na atividade, no lúdico, na criação e na expressividade, não focalizando apenas uma área, mas sim todas as áreas artísticas.

Olhando para as diferentes expressões, é de extrema relevância que a criança desenvolva as noções básicas para a formação musical. Santos (1997) defende que estas noções básicas envolvem o ritmo, a educação auditiva, a educação da voz e dos instrumentos.

Relativamente à expressão dramática esta é uma prática realizada através de atividades lúdicas, possibilitando uma aprendizagem transversal (cognitiva, afetiva, sensorial, motora e estética) e que facilita o desenvolvimento holístico do indivíduo, promotor de vivências (re)construtivas de significações sociais.

Quanto à expressão plástica, Sousa (2003) afirma que não se centra apenas na criação de obras, mas sim na criança, tanto nas suas capacidades como na satisfação das suas necessidades. Esta expressão deve ser entendida como uma atividade onde a criança

se expressa livre e espontaneamente e o mais importante não é o resultado, mas sim o prazer que a criança teve ao longo de todo o processo.

Por fim, segundo Schiavo e Ribó (2007), a expressão físico-motora deve apresentar determinados estímulos físicos às crianças que envolvam o desenvolvimento de capacidades de movimentos, coordenação motora, lateralidade entre outros conteúdos. Na realização destas atividades, o objetivo é proporcionar momentos de brincadeira, de interação entre crianças, exteriorizar emoções, desenvolver e estimular a motricidade global e fina, originar momentos de exploração, desenvolver o equilíbrio e o controlo da postura, reforçar a manipulação de objetos e controlar as diferentes formas de deslocação: andar, correr, saltar.

As questões centrais que orientaram a conceção deste projeto foram: Evidenciar as potencialidades das artes e promover o envolvimento e a exploração lúdica no processo expressivo da criança. Estas questões foram selecionadas para orientar o projeto, pois ao longo dos dois anos de idade, as potencialidades das artes possibilitam desenvolver as emoções, a autoconfiança, a autoestima, a curiosidade, o jogo simbólico, o pensamento lógico, a imaginação e a criatividade, e os valores espirituais e morais. A arte tem também como potencialidade o desenvolvimento comunicação/linguagem que permite à criança exprimir as suas emoções.

Com este projeto procurou-se atingir os seguintes objetivos: promover o bem-estar e o envolvimento da criança; estimular a aprendizagem das cores; estimular a interação com o outro (criança-criança e criança-estagiária); desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas; estimular a motricidade fina e grossa; dar liberdade para a descoberta dos materiais didáticos; estimular a curiosidade; desenvolver a autonomia; proporcionar o contacto com diversas formas de expressões artísticas; promover a criatividade e a imaginação; promover o sentido de orientação espacial; potenciar o desenvolvimento do jogo simbólico; reforçar através de atividades lúdicas, uma aprendizagem transversal (cognitiva, afetiva, sensorial, motora e estética);e reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa. Concebeu-se a avaliação deste projeto através da observação direta, do preenchimento da tabela do bem-estar e do envolvimento (Carvalho & Portugal, 2016), de registos fotográficos e de conversas com a educadora e a ajudante de ação educativa.

Uma das atividades desenvolvidas foi “ Cola e Descola” (Figura 1 e 2). Esta foi uma atividade realizada em grande grupo, onde se juntaram três mesas e colocou uma tira

de papel cenário sobre as mesas e em cima do papel colocaram-se tigelas com tinta, pincéis e diversos materiais para serem explorados (serpentinhas, algodão, bolinhas, papel crepe, aparas de lápis, entre outros) e as crianças foram convidadas a preencher o papel utilizando o material como quisessem, explorando todos os materiais livremente, inclusive a cola. Esta atividade foi muito prazerosa de realizar, no início havia algum receio de como iria correr a experiência de explorarem livremente a cola sozinhas, mas surpreendentemente correu tudo de uma forma muito positiva.

Primeiramente foi explicada a atividade, foram mostrados os materiais e explicado e demonstrado que estes podiam ser rasgados e colados livremente, mas com cuidado. Todos aderiram bastante bem, a certa altura a criança LS já estava com o pincel a pintar a parede com cola branca, mas foi-lhe explicado que não se devia colocar cola na parede, mas que a cola era para ser usada no papel cenário. Com esta atividade, proporcionou-se experiências e conhecimentos, motivou o trabalho em equipa, muitos estavam a trabalhar a pares, um colocava a cola e outro os materiais e iam trocando. Exploraram como quiseram durante toda atividade, claro que sempre com a observação e apoio da equipa da sala. Mais para o fim, a criança X começou a querer sair da atividade, só queria ir para a sala e chamava pela mãe, pois já estava a chegar à hora do almoço e da sesta e dado que ele é uma das primeiras crianças a chegar à instituição já estava a ficar cansado. Após a secagem do papel, este foi colocado no placar da sala que está ao nível das crianças para que eles observassem e refletissem sobre o que fizeram, realizando com o grupo um diálogo sobre o processo do trabalho, questionando-os se gostaram das diversas experiências, o que mais gostaram de fazer, que material mais gostaram de sentir, entre outras.

No geral, foi uma atividade muito bem conseguida, o grupo gostou imenso e aderiu muito bem. Numa próxima vez, talvez fossem colocados mais materiais com texturas diferentes para estimular o toque sensorial das crianças e mais pincéis.

O registo efetuado na tabela do bem-estar das crianças permitiu constatar que todo o grupo se encontrava envolvido na atividade, pois praticamente todas as crianças se encontravam no nível 4/5 (Carvalho & Portugal, 2016). Através da tabela do envolvimento é possível averiguar que o envolvimento das crianças perante esta atividade foi bom, sendo que apenas uma criança apresentou o nível 3, por não estar tão envolvida na atividade, tendo querido abandonar a mesma. Os objetivos fulcrais desta atividade eram potenciar o contacto com os diversos materiais (de texturas diferentes), reforçar as técnicas de colar, amachucar e rasgar e desenvolver a socialização através da brincadeira, da troca de objetos e de cores.



Figura 2 - Atividade de Colagem Livre



Figura 1 - Atividade de Colagem Livre – Produto Final

Outra atividade concretizada no âmbito do projeto foi 'Bolas, Bolhas e Balões' (Figura 3 e 4). Na 1ª parte da atividade o objetivo era realizar um circuito com uma bola e todo o grupo aderiu razoavelmente bem, na 2ª parte consistia em entregar um balão a cada criança de modo a que rebentassem bolhas de sabão com os balões, inicialmente houve algum receio porque cada criança tinha o seu balão com o respetivo nome, mas há sempre uma criança que quer mais balões e houve duas crianças que no início se desentenderam porque queriam o balão uma da outra, mas à medida que a atividade foi demonstrada começaram a entrar no jogo e esqueceram o desentendimento.

Existiu algum receio no sentido em saber se o grupo iria gostar da ideia de rebentar as bolhas com os balões, mas reagiram muito bem, claro que salvo uma ou duas exceções que largaram os balões e começaram a tentar apanhar as bolhas com as mãos, algumas até abriam a boca, mas de uma forma geral o grupo aproveitou a atividade, usaram os balões para rebentar as bolhas de sabão, usaram-nos ainda para atirar ao ar e apanhar, brincar, exploraram os balões de diversas maneiras. Rebentaram primeiramente em pé, depois propus que se sentassem no chão e tentassem rebentar as bolhas sentados e posteriormente deitados e foi muito interessante de ver, pois foram cumpridos maioria dos objetivos da atividade e ainda mais alguns, pois o grupo explorou os balões e também as bolhas de diversas maneiras, pois também devido ao facto de não terem muito contacto com este tipo de materiais, foi para eles uma surpresa, algo novo o que fez que inventassem brincadeiras e maneiras de usar os materiais, como soprar as bolhas de sabão em direção à janela para verem as marcas no vidro, empurravam os balões contra a parede e tentavam apanhá-los de volta, entre outras brincadeiras. No fim, após uma avaliação global, foi concluído que numa próxima vez poderá tentar-se realizar a atividade com músicas com diferentes ritmos, de modo a criar uma motivação e variantes extra da tarefa sugerida. No que respeita a análise feita à tabela do bem-

estar das crianças nesta atividade, averiguou-se que todas as crianças durante uma parte da atividade se mantiveram no nível 4/5. Na tabela do envolvimento foi notável a participação ativa do grupo na atividade porque todas as crianças realizaram a atividade várias vezes.



Figura 4 - Exploração dos Balões e das Bolas de Sabão



Figura 3 - Pista de Obstáculos

Avaliação do projeto

No que diz respeito à avaliação das atividades, os registos escritos e as tabelas de envolvimento e do bem-estar permitiram realizar um balanço de cada atividade, uma vez que ajudaram a identificar em que nível cada criança se encontrava. Segundo Silva, Marques, Mata e Rosa (2016), a avaliação do processo permite conhecer o envolvimento das crianças nas atividades, nos projetos e quais as aprendizagens que vão adquirindo. É através dessa avaliação que o próprio educador vai refletindo sobre o planeamento da sua intervenção pedagógica, estabelecendo, desta forma, um ambiente desafiante progressivo para cada criança.

Para além do principal tema e foco do projeto foram também trabalhadas outras competências como o desenvolvimento da autonomia, da expressão físico-motora, e outras aptidões integradas nos objetivos do projeto, estas foram trabalhadas em momentos da rotina da criança (por exemplo, colocar os bibes nos cabides sem ajuda, calçar os sapatos depois da sesta, etc). O projeto implementado procurou ir ao encontro não só do projeto da sala, como também do projeto da instituição “Bens e Valores”, uma vez que as Expressões Artísticas já eram parte integrante do projeto planeado pela educadora.

Com a elaboração deste projeto, as crianças puderam experienciar uma panóplia de momentos repletos de diversificadas aprendizagens. As crianças demonstraram estar curiosas, entusiasmadas, divertidas e com vontade em dar continuidade às várias atividades desenvolvidas. Quanto às atividades planeadas e implementadas, houve sempre o cuidado de adequá-las às necessidades e características do grupo e de cada criança, e de ir ao encontro do objetivo principal do projeto implementado com este grupo de crianças que eram as expressões artísticas, proporcionado através da criação de ambientes lúdico-educativos, e uma diversidade de vivências.

A nível de relação escola-família esta foi observada de perto e ainda foi observado com atenção o facto de que uma parte do grupo de crianças eram levadas à escola pelos avós, sendo que eram estes que iam também buscar as crianças. Esta observação fez com que surgisse a reflexão de como esta geração é importante na vida das crianças, pois estas tinham sempre histórias para contar sobre os avós, inclusive algumas dormiam na casa dos avós devido aos horários rotativos dos pais.

Com a realização deste estágio foram vivenciadas experiências bastante gratificantes e enriquecedoras, criadas fortes ligações com cada criança e com o pessoal da instituição e foram verificadas algumas evoluções nas crianças a nível cognitivo, social e físico. Tiveram lugar, através das atividades dinamizadas, novas experiências e sensações que proporcionaram momentos enriquecedores de aprendizagem ao grupo, pois em contexto de creche é fulcral proporcionar um ambiente educativo adequado para o bem-estar das crianças e valorizar e criar momentos de afeto individual e em grupo para que todos sintam cuidado por parte da educadora/estagiária. Consegui avaliar as diversas etapas das atividades e compreender que algumas crianças do grupo tinham um sentimento de repulsa quando eram realizadas atividades com contacto direto, por exemplo, com a tinta, tocar com as mãos na tinta, no início foi um pouco difícil, tive que recorrer a diferentes estratégias para conseguir ir adaptando as atividades a todas as crianças e aos receios e necessidades de cada uma. Houve um exercício proposto pela orientadora de estágio, que foi sem dúvida benéfico para a minha aprendizagem e desenvolvimento enquanto educadora, o exercício consistia em sentar-me num canto da sala com um caderno e uma caneta e tinha que estar nesse lugar durante 20 minutos a observar o que as crianças faziam e diziam e a escrever tudo, tudo o que observava sem poder interagir com as crianças. Inicialmente houve algumas crianças a vir ter comigo e a questionarem o que eu estava a fazer, mas eu apenas respondi que estava a realizar um trabalho da escola e para irem brincar. Este exercício foi muito importante de ser realizado, foi até certo ponto estranho, difícil, houve momentos em que me sentia confusa, pois não conseguia escrever e acompanhar tudo o que estava a acontecer nas

diversas áreas da sala. Foi difícil para mim eles virem ter comigo e não poder responder ao chamamento da criança, houve um momento em que estavam todos à minha volta a perguntar o que estava a fazer, se queria ir brincar com eles e a educadora cooperante interveio e disse aos meninos que eu estava a fazer um trabalho da escola que já ia brincar com eles, custou estar ali, sem poder reagir aos meninos, aos pedidos deles, foi estranho o facto de não poder controlar a situação, o que estava a acontecer à minha volta. Aprendi muito com esta atividade, percebi que quando não estamos no controlo das coisas, por vezes não nos sentimos bem, mas que é importante trabalhar esse aspeto, porque muitas das vezes é assim que as crianças se sentem, naquele momento eu era uma delas, estava sob instruções da professora que tinha que cumprir, e essas instruções era, principalmente, não controlar a situação e tentar desenvolver a minha capacidade de observação e escuta, colocando as crianças no centro de tudo o que estaria a acontecer. Parece-me que me sentia incapaz por não poder agir e reagir e a partir desse dia comecei a ver as coisas de outra maneira, a não ter aquele papel autoritário, controlador de tudo o que se passa na sala, estar atenta, claro, mas também dar alguma liberdade à criança para ela resolver os seus conflitos e até nas atividades, deixar que elas assumam um pouco um papel mais livre. É difícil explicitar o quanto ganhei enquanto profissional com esta atividade e o quanto ela contribuiu para o meu desenvolvimento enquanto educadora, mas foi fulcral para o meu percurso, não só como profissional, mas como pessoa também.

1.1.2. Prática de Ensino em Jardim de Infância

Este estágio correspondeu ao estágio do 2º semestre do 1º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e ao estágio do 2º ano, pois devido aos constrangimentos resultantes da pandemia covid-19 não foi possível realizar o primeiro estágio no calendário previsto inicialmente. Assim, ambos foram realizados mais tarde, seguidos um do outro, na mesma instituição e com o mesmo grupo. Devido ao problema descrito anteriormente, a instituição continha muitas regras diferentes dos estágios anteriores, mas que em nada afetaram o empenho e dedicação no estágio, bem como a relação com a educadora e o par de estágio.

O estágio foi realizado numa IPSS em Santarém, na mesma instituição onde foi realizado o estágio em creche. Tal como foi referido anteriormente, esta é uma instituição cujo principal objetivo é desenvolver atividades de ação social e educacional, através de várias respostas sociais. Neste ano letivo, possuía um projeto intitulado “Educar para a Vida”. Pretende-se fomentar, nas crianças, como se refere no projeto

educativo (2020), valores de “ética, integridade, humildade, cooperação, disciplina e respeito pelo outro”. A instituição contém as valências de creche e pré-escolar, sendo que existem duas salas de cada faixa etária. Todas as salas da instituição estão devidamente equipadas com os materiais adequados a cada faixa etária e todas as salas têm a sua casa de banho própria. A sala onde estagiei era bastante grande, estava dividida em diversas áreas (casa de bonecas, jogos de mesa, jogos de construção, área da leitura, do computador, e ainda duas outras áreas, a das reuniões e a da expressão plástica) cada uma com os seus respetivos materiais. Existiam diversas mesas, redondas e retangulares e vários armários para arrumação. Quanto ao grupo de crianças com o qual estagiei, este apresentava as seguintes características:

Quadro 2 - Caracterização do grupo de crianças

Número de Crianças	16
Idade	4 anos
Sexo	12 raparigas e 4 rapazes
Nacionalidades	12 Portuguesa, 2 Brasileira, 1 Ucraniano

No que respeita aos momentos mais apreciados pelo grupo, todas as crianças demonstram um grande entusiasmo pelo recreio pois devido ao pouco tempo que usufruem do mesmo, sempre que vão para o recreio mostram uma enorme satisfação, principalmente pela zona onde tem o escorrega. Demonstram também um especial interesse pela área da expressão plástica, mais especificamente, os desenhos livres. É de destacar e reforçar a motivação que todo o grupo sente através das produções manuais. A nível de preferências mais específicas pelas áreas da sala, crianças A e S apreciam bastante a área dos jogos de construção e as crianças R e ML demonstram preferência pela área da casinha das bonecas onde retratam situações do dia-a-dia/papéis do quotidiano.

Em relação à curiosidade, todos suscitam um maior interesse na área do conhecimento do mundo, relativamente às ciências naturais, mais concretamente a natureza e os animais, pois colocam questões e evidenciam sinais de contactar com contextos respeitantes a esta temática.

As crianças demonstram também curiosidade na área da expressão e comunicação, nomeadamente com o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, sendo que solicitam muito o conto de histórias e ainda colocam questões relacionadas com o conteúdo ou a mensagem das mesmas. Algo que foi interessante de observar diariamente, é que algumas das crianças já copiavam o seu nome, espontaneamente,

escrito na caixa das canetas, havendo duas ou três que se destacam por conseguir escrevê-lo bastante bem. Ao longo do estágio foi notória a evolução de algumas crianças no que toca a este aspeto.

Em toda a observação ao longo do estágio é de salientar que foi possível perceber que a criança A tem alguma dificuldade em exprimir-se oralmente de modo perceptível em língua portuguesa, por ser de nacionalidade brasileira, mas consegue compreender o significado do que lhe é dito. A situação da criança LS é semelhante, pois é de nacionalidade ucraniana, no entanto, esta apresenta mais capacidade em exprimir-se oralmente do que a compreender o significado de algumas frases.

O grupo demonstra em diversos momentos, mas principalmente no recreio, que apresenta alguma dificuldade nos momentos de partilha, de cooperação, de respeito pelo outro, bem como na gestão dos próprios conflitos, mas são valores, que com o tempo vão sendo adquiridos. Segundo Coelho (2013), o recreio é um meio facilitador do desenvolvimento social através da interação com os pares. É também um espaço onde adquirem competências sociais, cooperação, partilha, linguagem e resolução de conflitos. No geral, o grupo é bastante ativo, curioso e de certa parte, participativo, havendo algumas crianças que se destacam sempre mais pela sua participação e iniciativa.

Realizam autónoma e individualmente as brincadeiras, no entanto, demonstram alguma dificuldade em lidar com a frustração e com a contrariedade e mostram alguma dificuldade em cumprir as regras da sala, regras essas que foram construídas em conjunto com a educadora cooperante de forma a dar voz às crianças para que as mesmas possam ter uma participação ativa e em grande grupo.

Planeamento e operacionalização da atividade educativa

O projeto planeado e desenvolvido ao longo do estágio denominava-se “(RE)AGIR”.

Para a elaboração inicial do projeto foi realizado um período de observação participativa/adaptação, que serviu para conhecer o grupo, e individualmente cada criança para assim ser possível definir um projeto cujas atividades fossem ao encontro das capacidades, necessidades e interesses do grupo.

No início do estágio, a educadora ainda não tinha realizado o projeto educativo, como tal, e pelo que tinha sido observado, foi pensado criar um projeto baseado na natureza, pois seria interessante trabalhar esta área exterior com o grupo visto que não tinham muito contacto com a mesma, eram muito raras as vezes que iam ao recreio e era claro

nas reações das crianças o quanto gostavam de usufruir do espaço exterior e foi após esta observação que surgiu a ideia de fazer um projeto relacionado com a natureza, onde fossem desenvolvidas atividades de todo o tipo, mas sempre no exterior. No entanto, depois de algumas conversas com a educadora cooperante e através das próprias observações no decorrer desse período de observação, foi possível verificar que o grupo demonstrava alguma dificuldade em lidar com a frustração e com a contrariedade e em cumprir algumas situações estipuladas pela educadora dentro da sala, como não correr dentro da sala, nem gritar, por exemplo. Posto estas observações, foi optado pela criação de um projeto no âmbito dos valores, onde se iria partir das ações das crianças no quotidiano, e reagir sobre as mesmas, de forma a fazê-las pensar sobre o próprio comportamento, partindo do diálogo e dando voz ao grupo no seu todo e a cada criança individualmente.

Desta forma é importante realçar que a educação para a cidadania tem que fazer parte da vida dos indivíduos urgente e precocemente, porque é de extrema importância desenvolver “nas crianças atitudes de responsabilidade, tolerância, respeito e preservação, formando cidadãos e cidadãs capazes de participarem ativamente na sociedade onde estão inseridos/as, aptos/as a olharem o mundo de forma crítica e expressando as suas ideias” (Cabral, 2015:29).

Pretendia-se, principalmente, que as crianças se sentissem capazes de resolver os conflitos com que se deparam na base do diálogo/ conversas, conseguindo gerir melhor as suas emoções, pois muitas vezes é possível observar que reagem no imediato, por impulso. Pretendia-se também fomentar o sentido de respeito pelo outro, pelos animais e ainda o sentido de responsabilidade. Pretendia criar situações / atividades que criassem condições para que as crianças compreendessem o seu comportamento, ou seja, a maneira como respondem nas várias situações, pode ser aprendido e por isso elas próprias podem decidir o comportamento que querem ter. E isso as tornará mais conscientes dos seus atos e mais autónomas.

Assim foram planeadas atividades onde seriam proporcionadas aprendizagens como: realizar a reciclagem, aprender maneiras de poupar água, conhecer e respeitar outras culturas, respeitar a natureza e os animais e foram ainda abordadas as emoções com o grupo e como aprender a lidar com elas, pois este é um fator fulcral para a aquisição de todos os outros valores, o facto de saber gerir as suas emoções.

Segundo Fonseca (2011), os valores são fundamentais para a formação do ser humano, por serem encarados como “fios que compõe a teia de sentidos que suporta a vida” (p. 69), mostrando que é através destes que os indivíduos avaliam o seu quotidiano.

Os objetivos gerais deste projeto centram-se em cooperar com os outros no processo de aprendizagem; desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha; trabalhar com as crianças os valores e sensibilizar para a cidadania. De modo a avaliar o projeto de intervenção foi realizada maioritariamente a observação direta que serviu para analisar e perceber se foi ou não possível articular todos os objetivos estipulados com as atividades desenvolvidas, o registo fotográfico, conversas com a educadora e a ajudante de ação educativa e inclusive com as próprias crianças e ainda, para complementar o preenchimento das tabelas de bem-estar e de envolvimento do grupo (Carvalho & Portugal, 2016).

Uma das atividades desenvolvidas que correu positivamente, foi a atividade “As Palavras Mágicas” (Figura 5 e 6). Esta atividade surgiu com base na observação anteriormente feita de atitudes por parte das crianças em situações como, por exemplo, tocar-nos, esticar o pé e ficar a olhar, em vez de verbalizar uma necessidade como ‘podes atar-me o sapato, se faz favor?’ ou situações em que querem mais maçã, por exemplo, e em vez de pedirem ou dizerem ‘quero mais maçã, por favor/se faz favor!’ apenas olhavam fixamente para os adultos responsáveis e olhavam para a maçã, tendo que ser os adultos a questionar se queriam mais, entre outras situações ocorridas do mesmo género. A presente atividade foi introduzida através da canção “Boas Maneiras” da autoria de Maria de Vasconcelos. O grupo sentou-se em filas no tapete para observar o vídeo da canção que foi apresentado no computador.

De seguida, foi pedido ao grupo que partilhasse o que retirou da canção, os momentos, as palavras, de forma a chegar, em conjunto com o grupo, a nove palavras ‘mágicas’ principais que iriam ser trabalhadas, sendo elas ‘bom dia’, ‘boa tarde’, ‘boa noite’, ‘obrigada’/‘obrigado’, ‘desculpa’, ‘com licença’ e ‘por favor’/‘se faz favor’. O grupo interagiu bastante bem no diálogo, participou ativamente e facilmente foi conseguido atingir o objetivo de descobrir aquelas palavras-chave.

Foi ainda realizado um diálogo mais específico com o grupo onde lhes foi questionado em que momentos se utilizavam estas palavras, de modo a fazê-los pensar e questionar-se, sendo partilhados de seguida os exemplos e respostas entre todo o grupo. Alguns dos exemplos que surgiram foram “pedimos desculpa quando magoamos um amigo”, “devemos dizer bom dia quando chegamos à escola” e “quando nos dão alguma coisa dizemos obrigada”.

Para dar ênfase às palavras trabalhadas na atividade, foi desenhada uma cartola para ser o centro do placar de modo a fazer uma ligação com o nome das palavras ‘mágicas’. Posteriormente com recurso a uma imagem impressa (mais tarde exposta dentro da

cartola no placar) de um coelho para servir de apoio ao grupo, foi pedido a cada criança que desenhasse livremente um coelho para complementar o placar fazendo a interligação com a cartola e com a fotografia de cada um. Foi ainda realizado um registo fotográfico individual onde foram levadas as palavras mágicas impressas e plastificadas de um tamanho razoavelmente grande. Todas as palavras foram colocadas em cima de uma mesa e as crianças foram chamadas uma de cada vez para realizar o registo fotográfico da atividade. A criança vinha ter com a estagiária, as palavras eram lidas em voz alta e cada criança escolhia a palavra que queria usar, repetindo-a e dizendo em que momento usaríamos essa palavra, sendo de seguida fotografada com a palavra escolhida. Para registar todo este processo, foi construído um placar, com a cartola no meio e à sua volta foram colados os coelhos desenhados pelas crianças sendo que ao lado de cada coelho estava a fotografia da respetiva criança com a palavra mágica escolhida. Todos juntos observámos o placar e falámos acerca dos conhecimentos adquiridos, do que foi mais gostaram e do que menos gostaram na realização da atividade.



Figura 6 - Registo Fotográfico da Atividade



Figura 5 - Atividade das Palavras Mágicas

De uma forma geral, foi uma atividade bem conseguida, apesar de ser simples, foi uma atividade fundamental. O grupo aderiu bastante bem, foi participativo e entendeu a mensagem da atividade, pois a partir deste dia sempre que necessitavam de algo, seja para atar os sapatos, querer mais comida, pedir para ir à casa de banho, usavam as 'palavrinhas mágicas', havendo claro, a exceção de uma ou duas crianças que por vezes necessitavam de ser relembradas, mas de um modo geral, para atar os sapatos, por exemplo, a criança chegava ao pé de uma das responsáveis da sala ou das estagiárias e dizia 'X, podes atar-me o sapato se faz favor?', maioria das crianças chegava à sala e dizia 'bom dia', sendo que anteriormente a esta atividade, não acontecia. Foi possível

observar que esta atividade serviu para ensinar e/ou lembrar certas ações que podem fazer diferença na nossa educação e nosso dia-a-dia. O registo efetuado na tabela do bem-estar das crianças permitiu constatar que todo o grupo estava bem, pois praticamente todas as crianças se encontravam no nível 4/5. Através da tabela do envolvimento é possível averiguar que o envolvimento das crianças perante esta atividade foi bom, sendo que apenas uma criança apresentou o nível 3, por não estar tão envolvida na atividade, devido também à sua escassa participação e à sua timidez.

Dentro do projeto elaborado para o grupo, e no contexto do mesmo objetivo de refletir com as crianças acerca do respeito pelo outro, foi desenvolvida a atividade “Os meus avós” (Figura 7 e 8). Estava já, nesta altura, no início do processo de rever literatura e identificar questões, com vista ao projeto de Investigação para elaboração do meu Relatório de Mestrado. Tinha emergido a temática da relação com os avós e da sua presença e influência na vida das crianças. Por esta razão, como apresentarei mais tarde, vários elementos de observação e registo desta atividade foram retidos como dados e evidências, para tratamento na minha investigação.

Para a realização desta atividade, foi solicitado aos pais na semana anterior que levassem para a escola uma fotografia da criança com a avó ou com o avô ou com ambos os avós.

Esta atividade veio ao encontro do meu tema de investigação e tinha como objetivo explorar a ligação do grupo com os respetivos avós. Esta atividade foi realizada interligando com a anterior, partindo de um pequeno diálogo em grande grupo ao redor da mesa que derivou da questão ‘Que palavras mágicas vos ensinaram os vossos avós?’

Algumas das respostas registadas foram “o meu avô pede desculpa à avó quando fica muito tempo na horta e depois não janta connosco” e “quando a avó me dá um chocolate, às vezes não me lembro de dizer obrigado e ela depois lembra-me e diz que é importante dizer obrigado para as pessoas ficarem felizes”. Após esse pequeno diálogo recorreu-se à leitura da história “Os Meus Avós são Especiais” explorando a partir daí a ligação das crianças com os avós, o que sentem quando estão com eles, porque gostam deles, se estão muito tempo com eles, entre outras questões que foram rapidamente respondidas pelas crianças. Todas as respostas foram registadas pela estagiária e por gravação áudio. As respostas mais comuns estavam relacionadas com gestos e sentimentos como “gosto da minha avó porque ela me dá beijinhos” ou “o meu avô dá abraços e eu gosto” ou relacionadas com atividades em conjunto, com momentos

do tempo e interesses partilhados como: “eu gosto quando a avó faz bolos comigo” ou “o avô anda muito de bicicleta comigo e também vamos à horta”.

Para deixar um registo desta reflexão foi pedido a cada criança que desenhasse os seus avós numa folha branca e com recurso a corações de cartolina anteriormente recortados pelas estagiárias foi registada uma frase dita por cada criança que completasse a expressão “Gosto dos meus avós porque...”.

O desenho dos avós foi recortado e exposto no placar juntamente com os corações e as fotografias de cada criança com os seus avós, sendo que foi tudo exposto ficando cada elemento agrupado por criança. O placar foi contruído em conjunto com o grupo e após a sua construção, tal como foi feito na atividade anterior, o grupo observou o placar e explicou quem tinham desenhado, qual a sua frase e quem eram as pessoas nas fotografias.

O grupo mostrou bastante satisfação ao longo da atividade, houve três meninas que não levaram a fotografia antecipadamente pedida, no entanto realizaram a atividade na mesma. Ao longo destas atividades as crianças relataram diversos momentos bons e engraçados passados com os seus avós e sempre que passavam no placar, na ida à higiene ou no comboio, diziam “olha ali eu e o meu avô” ou “aquela ali sou eu com a avó” mostrando gosto em observar, rever e interagir sobre aqueles elementos ali expostos.



Figura 7 - Retrato dos Avós com Registo Escrito



Figura 8 - Realização dos Retratos dos Avós

Avaliação do projeto

Há que frisar que inicialmente foram sentidas algumas dificuldades para a elaboração do projeto pois não tendo uma base do projeto da educadora cooperante, foi necessário utilizar como recurso essencialmente a observação feita ao grupo e os registos escritos

realizados pelas estagiárias de situações que víamos que poderiam ser trabalhadas com o grupo. Inicialmente existiam estratégias que pareciam ser mais adequadas, mas ao longo da implementação foi concluído que não seria bem assim e que teria de adaptar. É importante conseguirmos refletir sobre as possíveis barreiras que surgem pelo caminho e considerar os mesmos para poder melhorar a nossa postura. Considero que a duração deste estágio foi um ponto bastante positivo e enriquecedor como futura educadora, na medida que permitiu observar e refletir sobre toda a dinâmica envolvida no processo educativo, e também aprender a conhecer mais especificamente o grupo de crianças e desta forma ir melhorando e ajustando as estratégias consoante as necessidades, interesses e diferenças do grupo, visto ser um grupo que requer muita atenção e cuidado, mas onde se destacam uma ou outra criança por ter mais necessidades. Sendo que se destaca a criança A por alguns comportamentos mais agressivos.

Uma atividade que considero que poderia ter tido uma estratégia mais adequada foi a atividade da digitinta. Esta atividade estava englobada na semana em que foi trabalhado com o grupo o tema das emoções, e onde considero que deveria ter sido dado mais tempo à criança para explorar a atividade e a tinta, visto que era algo que o grupo não estava tão habituado a fazer. Inicialmente essa era a ideia, pois o mais importante é sempre o processo de uma atividade e não o produto final, no entanto, apesar do nosso esforço, não foi possível pois, estando em época de ensaios e atividades natalícias, a atividade teve de ser realizada mais rapidamente, no entanto, agora, após uma reflexão, seria possível dar esse tempo à criança, dividindo a atividade em dois momentos ou até em mais dias.

Considero que foi criada e mantida uma relação próxima com o grupo ao longo de todo o estágio, que garantiu sempre o bem-estar de todas as crianças, sendo que foi realizado um esforço para explorar os três aspetos de ação mencionados por Laevers (1994), Bertram e Pascal (1997, 1999, 2000): Sensibilidade, Estimulação e Autonomia. Sensibilidade ao estar sempre disponível a proporcionar afetividade às crianças, pois no grupo existiam crianças em que era visível que precisavam de um pouco mais de atenção e carinho. Estimulação, realizando várias atividades livres que permitissem às crianças explorar livremente os materiais, cada uma ao seu ritmo. Por fim, a autonomia, algo que é bastante essencial desenvolver nas crianças, e que foi visível ao longo das atividades dando a liberdade e autonomia para escolherem, por exemplo, as cores ou os materiais que queriam utilizar para fazer os trabalhos, bem como dar-lhes espaço e voz para decidirem, por exemplo, que canção queriam cantar nos momentos entre as

rotinas chamados de “tempos mortos”, tempos esse que na minha opinião foram sempre aproveitados de forma constante e sempre dinâmica.

Ao longo da implementação, houve alguma necessidade de uma vez ou outra ajustar a calendarização do projeto e surgiu, em algumas atividades, a necessidade de alterar e reorganizar alguns aspetos que não estavam a correr tão bem, ou porque não estava a captar a atenção de todo o grupo, ou pelas condições atmosféricas ou até mesmo pelo espaço. Houve algumas atividades que poderiam ser melhoradas, mas como em tudo o resto na vida, para aprender é preciso errar, desde que saibamos como melhorar e o que temos de fazer e isso foi conseguido por parte das estagiárias. Foi possível compreender onde melhorar, admitir o erro e agir de modo a que as atividades corresse da melhor forma e isso deveu-se, também a este papel de observadora que foi fundamental para o meu futuro profissional pois permitiu ter um papel reflexivo sobre a prática realizada.

De um modo geral as atividades foram bem conseguidas, no entanto havendo uma ou outra que possa não ter corrido tão bem por uma ou outra estratégia não ter sido adequada, como foi referido anteriormente, o importante é conseguir refletir sobre isso, reconhecer o que esteve menos bem e melhorar. Não esquecendo do feedback positivo por parte dos encarregados de educação que foi bastante importante, pois muitos deles revelaram que as crianças iam para casa falar dos conhecimentos adquiridos ao longo do projeto e das atividades realizadas o que proporcionou a sensação de “missão cumprida”, levando a crer que a minha ação foi bem concebida e que acima de tudo as crianças aprenderem algo e envolveram-se ativamente no seu processo de aprendizagem.

Ao avaliar a minha prática pedagógica durante o período de estágio, creio que consegui cumprir as minhas funções como futura profissional com sucesso, uma vez que demonstrei sempre muita vontade em participar em todas as atividades, intervir sempre, maioria das vezes por iniciativa própria e consegui instituir uma relação de confiança com as crianças para que estas se sentissem mais seguras e à vontade com a minha presença. Procurei sempre escutar as crianças, desenvolver a capacidade de refletir sobre situações de conflitos, deixar que estas observassem e explorassem os materiais e atividades ao máximo, estimular o contacto com experiências novas para que as crianças descobrissem coisas novas por si próprias, e procurei promover o contacto com o exterior, sempre que possível. Consegui corresponder a praticamente todos os objetivos e desafios a que me propus como arriscar sem ter receio de errar, conseguir organizar o ambiente educativo de acordo com as necessidades do grupo, testar as

minhas capacidades, conseguir responder às necessidades específicas de cada criança e adquirir experiência na prática educativa. Fui adquirindo e reforçando aprendizagens no que diz respeito ao apoio na gestão de conflitos entre as crianças do grupo e ainda a recorrer a situações de improviso relativamente a aspetos e momentos das atividades planificadas.

Um dos aspetos que considero ainda ter alguma melhoria a fazer será na realização de planificações e reflexão das mesmas. Apesar de saber como elaborar uma planificação, tenho de aprofundar os meus conhecimentos como futura profissional de modo a conseguir explicitar todo o processo reflexivo e de desenho da estratégia prévio à ação e a todo o processo de atividade, sendo que existem sempre pequenas coisas que são referidas na planificação que durante a atividade acabam por ser feitas de outra forma. Quanto à reflexão, tem sido um aspeto que tenho vindo a trabalhar e observei que o facto de todos os dias fazer uma pequena reflexão sobre as minhas práticas pedagógicas ao longo do dia acabou por me fazer evoluir, pois é fulcral analisarmos os pontos que correram bem e os que não correram tão bem e o motivo de ter sido assim, e sobretudo arranjar soluções de como melhorar ou o que alterar. Assim, o balanço que posso realizar acerca deste estágio, é na minha opinião, positivo, pois serviu para um crescimento, tanto a nível pessoal como a nível profissional, este estágio foi bastante importante, principalmente devido à sua duração, que proporcionou tempo para observar e implementar e ainda para aproveitar o grupo ao máximo. Foi bom estagiar todo este tempo para haver uma adaptação contínua e também para uma melhor perceção de como será a futura vida como profissional, pois nos outros estágios acaba por ser tudo um pouco sob pressão e não há tempo para tudo, porque existe constantemente uma preocupação em observar para decidir e implementar e avaliar e não é possível conhecer totalmente o grupo e usufruir do mesmo, o que neste estágio, devido à sua duração, já foi possível.

1.2. Percurso de Desenvolvimento Profissional

O tempo de permanência e oportunidade de conhecer bem os contextos de estágio foram também pontos positivos para o desenvolvimento do processo investigativo que vou apresentar em seguida, na segunda parte deste Relatório. O questionamento que organiza o estudo que apresento construiu-se através das sucessivas PES, nos contextos de creche e de JI, como terá ficado de certo modo patente nas descrições feitas. Mas, construiu-se também desde a minha própria infância, vem da experiência de ter estado com a minha avó materna até aos três anos, oportunidade que outras

crianças da minha família próxima, e da mesma idade, não tiveram. Observei e observo que a diferença é notória, não só no que toca à transmissão de valores e histórias de família, mas à própria ligação entre as gerações, todos estes momentos são transmitidos, principalmente, pelos avós. Tive uma avó materna que trabalhava, tratava da casa, ia buscar-nos à escola, e por outro lado, tive uma avó paterna, que nunca trabalhou, o seu tempo era dedicado à casa, ao campo, aos animais, à horta. Como neta de duas avós tão distintas pude sentir e vivenciar esse contraste, apropriando-me dessas facetas e diferentes modos de estar que identifico em mim própria, numa certa informalidade, flexibilidade, gosto pela natureza e contacto com a terra, mas também num traço mais formal e regrado. Estas experiências foram incrivelmente educativas e diferentes e contribuíram decisivamente para me tornar na pessoa que sou hoje.

Parte II - Investigação

2.1. Contextualização do Estudo

A investigação apresentada no presente relatório decorre das PES realizadas ao longo do percurso académico nos diferentes contextos de estágio e é motivada pelo principal interesse em analisar o valor dos avós na vida das crianças, no seu bem-estar, no seu desenvolvimento e aprendizagens, assim como em identificar de que modo, enquanto profissional de educação da infância, é possível tomar em consideração ou mobilizar esse conhecimento na melhoria do processo educativo.

Para Strecht (2016, p12) ‘(...) avós e netos podem potenciar o que de mais profundo todos almejamos: o desejo de amar e ser amado. O prazer de existir.’

Para mim, os avós são algo único na nossa vida e quem os tem, deve aproveitar essa bênção pois há muitas crianças que queria tê-los presentes e não tem. Esta relação afetiva entre os avós e as crianças contribui bastante para um bom desenvolvimento na criança, os mimos, a interajuda, as histórias, tudo aquilo que fazemos com os avós serve para aprender e crescer. Deste modo, considerando a importância da presença dos avós e o contributo destes para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, desencadeou-se um processo investigativo.

Das minhas curtas experiências de diversos estágios vem-me as constatações que a presença dos avós é muito importante e que são notórias as diferenças dos avós de há uns anos e os avós de hoje e a evolução do papel que esta geração tem na vida das crianças. Pude observar não só no trabalho das educadoras e a forma como estas incluíam as famílias, mais precisamente os avós, na vida escolar dos netos, mas também nas próprias crianças que eram mais acompanhadas e educadas pelos avós do que pelos próprios pais, muitas das crianças eram os avós que iam levar e buscar à escola, alguns davam banho às crianças e até mesmo jantar. Consegui observar também que esta relação proporciona valores e aprendizagens que podem ser incutidos pelos pais, mas que os avós o fazem de uma forma muito mais dinâmica. Aconteceu uma situação na PES no jardim de infância em que uma criança viu uma pequena barata na porta e enquanto todo o grupo começou a gritar e a dizer que tinha nojo do bicho e para tirar dali o bicho, essa criança pegou no bicho e foi colocá-lo na rua e ainda disse aos amigos que não valia a pena terem medo do animal que ele não fazia mal e que ela sabia isso porque havia vários bichos daqueles na horta da avó dela e que a mesma lhe ensinou que devemos ser amigos dos animais. Esta situação foi só um exemplo de imensas situações do quotidiano onde podemos observar nas crianças alguns valores que podem ser incutidos não só pelos pais, mas pelos avós, neste caso o respeito pelo

outro, o respeito pela diferença, pelos animais, entre outros. Isto faz-me pensar que a relação com os avós, não só por circunstâncias sociais, traz, pela minha curta experiência, bastantes vantagens para ambas as gerações.

Ao longo dos sucessivos estágios foi assim crescendo este interesse, enquanto desenvolvia projetos pedagógicos nos quais esta questão ocupava algum espaço de reflexão e também de trabalho e diálogo com as crianças. Alguns desses momentos registados também se integram nas análises a que cheguei, com o estudo que apresento.

As questões que orientaram o processo de investigação foram as seguintes:

- a) Qual o papel dos avós na construção de valores nas crianças?
- b) Qual o impacto da ausência ou presença dos avós no bem-estar e nas aprendizagens das crianças?
- c) Conhecer essa dimensão (intergeracionalidade) do contexto relacional da criança, poderá contribuir (e como) para melhorar a minha ação e a resposta educativa às crianças?

Nesta parte do relatório apresento, em primeiro lugar, o resultado de uma breve revisão de literatura sobre:

- O valor dos avós, a importância da relação desta geração com as crianças,
- Uma leitura das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar enquanto quadro para o trabalho com as crianças e seu relacionamento com os avós;
- A importância do desenvolvimento da profissionalidade e da reflexão sobre a prática.

Seguir-se-á uma apresentação dos aspetos metodológicos, a apresentação e análise dos dados recolhidos, os resultados obtidos e as considerações finais.

2.2. Revisão de Literatura

2.2.1. Os avós... na vida dos netos em desenvolvimento

A intergeracionalidade diz respeito às interações sociais e trocas entre pessoas pertencentes a diferentes gerações, de modo a promover a saúde mental, o bem-estar, entre outros, para além da componente social que estas interações e trocas proporcionam.

Quem somos nós? De onde viemos? Os avós têm o poder de manter o vínculo entre as gerações, baseando-se na transmissão de valores e saberes. Eles assumem o papel de cuidar, de transmitir valores, crenças, tradições e rituais familiares, as histórias de família, estes estão tradicionalmente incumbidos da tarefa de transmitir a história familiar às novas gerações e de facto fazem-no de um modo encantador, as crianças adoram ouvi-los, dedicando-lhes uma atenção proporcional ao retorno que, de um modo geral, recebem deles.

Conforme afirma Eduardo Sá (s.d.) “(...) os avós não contam histórias: são a nossa história”. Os avós são como ‘um livro de recordações’, eles transmitem aos netos toda a informação que diz respeito à história da própria família, origens, antepassados e acontecimentos importantes. São uma fonte de afeto, experiência, sabedoria e de carinho, são eles que educam, ensinam e transmitem o verdadeiro significado da palavra amor às crianças,. Com os avós, encontra-se o espaço para ouvir histórias de encantar, lendas e as aventuras da infância dos pais, que encantam as crianças e contribuem para o seu desenvolvimento psicológico. Esta primeira geração tem uma visão muito mais ampla, objetiva e ponderada acerca de muitos assuntos, sendo que esta visão pode ser preciosa quando o neto necessita de orientações para a sua vida escolar ou pessoal, pois os avós são capazes de ver as mesmas situações, mas de uma maneira diferente, dadas também as experiências que já passaram.

Ao longo dos anos foi evoluindo e sofrendo transformações o modo como o papel dos avós era assumido e a própria representação social deles. Os ‘avós de antes’, os avós dos nossos avós representavam uma figura de cabelos brancos, com uma intervenção mais distanciada na vida dos netos, e ocupando na família o lugar do “mais velho”, com a autoridade que esse lugar por vezes trazia. Atualmente, muitos avós vão diariamente buscar os netos à escola e participam nas atividades da escola, ajudam nos trabalhos de casa, são mais ativos, interventivos, e maioria deles já são adeptos das novas tecnologias. Contudo, há muitas coisas que se mantêm, uma delas os hábitos recorrentes na casa dos avós, que de certa forma criam espaços de maior liberdade, nem sempre possíveis no quotidiano com os pais (a visita às galinhas, o não comer a sopa na casa da avó, hábitos como rapar a tigela com a massa do bolo e andar pelo pátio livremente sem qualquer regra que impeça as crianças de se sujarem).

Um avô tende a ser muito mais tolerante do que um pai, pelo que não pode exigir uma disciplina tão apurada ao neto, como é dada em casa. Neste sentido, é importante que os pais se acertem com os avós para que mesmo na sua ausência, algumas regras como a postura à mesa ou a hora da sesta, sejam respeitadas. Deste modo evitam-se

desavenças e conflitos quando as crianças voltam para casa dos pais. Uma boa comunicação com os avós, que os reconheça como parte do processo de educação das crianças, só pode trazer vantagens, sobretudo para as próprias crianças.

Segundo Strecht (2016, p.7) “(...) é inequívoco o papel que os avós adquiriram na vida emocional dos netos. (...) são cada vez mais uma presença física e afetiva, mais ativa e moduladora no seu desenvolvimento (...)”. Os avós são uns segundos pais para as crianças, muitas das vezes uns primeiros e isso só reforça a ideia de que sem avós, muita coisa não seria possível, eles ensinam-nos tanto que não é possível imaginar como é não os ter por perto.

Hoje em dia os avós agem cada vez mais como pilar de segurança para os netos, pois há variadas situações que fazem parte da realidade atual que não eram habituais antes. O número de divórcios hoje em dia, a evolução das tecnologias, o conceito de liberdade, a própria diversidade que existe nas tipologias de família e nos modos de viver a vida familiar, entre outros que contribuíram para que as crianças dos dias de hoje sejam de certo modo mais impacientes, estas perderam um pouco o valor da necessidade, entre outros valores que são essenciais para o futuro. Como reforça Pedro Strecht (2016, p.8) “Muitos avós dizem: «A vida dos meus netos é muito mais fácil do que a do nosso tempo». Outros sentem-se perfeitamente a tomar partido pela posição inversa: «Coitados, passam por coisas que nem nunca nós imaginávamos na idade deles...»”. No entanto, todas estas perspetivas fizeram com o passar do tempo que houvesse uma evolução da maneira como vimos a infância e até mesmo a adolescência, no que toca ao aspeto de desenvolvimento e crescimento e à necessidade de proteção das crianças.

Cada vez mais os avós são chamados a ter uma participação mais ativa na vida dos seus netos porque ambos os pais, habitualmente, trabalham e atualmente a maioria dos trabalhos absorvem muito tempo do quotidiano das famílias (trabalhos múltiplos, por turnos, longe das habitações, etc) o que faz com que os pais não tenham tempo livre que lhes chegue para conseguirem dar a atenção necessária que uma criança necessita para crescer de um modo saudável e feliz. Como já referi, muitas das vezes são os avós que ajudam os netos nos trabalhos de casa, são eles que os vão buscar e pôr à escola, são eles que por vezes, lhes dão banho e inclusive o jantar o que acaba por fazer com que os avós se tornem uma retaguarda para os pais, pois estes sentem-se apoiados. Os avós assumem assim, com frequência, papel de educadores e garante do bem-estar das crianças e das próprias famílias.

2.2.2. Os avós...no Currículo para a Educação de Infância

A aprendizagem realizada com a família acaba por estar presente em todas as áreas de conteúdo, mas é, principalmente, na área de formação pessoal e social que se pode atravessar o conjunto de valores e sentimentos relacionados com a família e com a construção da sua identidade. Como está explícito nas OCEPE (Silva et al., 2016) neste processo de construção de identidade e da autoestima, o reconhecimento das características singulares de cada criança desenvolve-se simultaneamente com a perceção do que tem em comum e do que a distingue de outros, pelo que o reconhecimento de laços de pertença social e cultural faz também parte da construção da identidade e da autoestima. Esta construção é apoiada pelo/a educador/a, ao respeitar e valorizar a cultura de cada criança e da sua família. Está ainda claro nos fundamentos e princípios educativos que no que toca ao desenvolvimento e aprendizagem como vertentes indissociáveis, a Educadora considera a presença da família e da sua cultura na sua ação educativa. Podemos explorar esta relação da escola-família, mais especificamente com os avós, através de todas as áreas de conhecimento, mas principalmente pela Área de Formação Pessoal e Social e pela Área de Conhecimento do Mundo.

As relações familiares têm um papel muito importante na modelação dos papéis sociais e dos processos de comunicação e, portanto, nas experiências de aprendizagem de uns e outros. Assim, após esse papel da família, cabe à escola saber acolhê-lo, enquadrá-lo e até mesmo aproveitá-lo como elemento que pode potenciar aprendizagens e experiências nas várias áreas de conhecimento. É possível observar este tipo de acontecimento nos momentos de brincadeira livre pelo espaço educativo, podemos reparar em vários momentos em que nas diferentes áreas as crianças representam diversas situações reais ou imaginárias, como na área da casinha muitas vezes interpretam diversos papéis onde representam o pai, a mãe, os avós, os filhos e muitos desses papéis são baseados naquilo que observam no dia a dia e nas suas casas.

A criança transporta ainda várias informações entre as famílias e a escola, pois transmite em casa o que aprendeu nesse dia na escola, situações que tenham acontecido, mas também o faz ao contrário, ou seja, maioria das vezes chega à escola e conta ao Educador situações que tenham acontecido que a tenham feito feliz ou triste, como a avó ter comprado uns ténis novos, ou ter ido ao parque com a mãe.

De acordo com as OCEPE (Silva et al., 2016) dada a importância do contexto familiar na educação das crianças, o/a Educador/a também planeia e avalia a sua ação junto

dos pais/famílias, prevendo estratégias que incentivem a sua participação, permitindo-lhe conhecer melhor o contexto familiar e social das crianças e envolver os pais/famílias no processo educativo, ajustando e reformulando a sua ação em função da avaliação dessas práticas. Assim, as famílias têm o direito de participar no desenvolvimento do percurso pedagógico de cada criança. A comunicação das intenções e do projeto curricular do Educador às famílias é um momento importante para os envolver no processo de planeamento de cada criança e para recolher as suas opiniões e sugestões que possam surgir, o que conseqüentemente permite criar não só uma relação mais baseada na confiança entre as famílias e os pais como ajuda a que estes fiquem mais esclarecidos sobre cada decisão que o Educador tomou.

2.2.3. Os avós... na reflexão e na prática dos Educadores

De acordo com Maria do Céu Roldão (1998) existem quatro eixos definidores da profissionalidade que permitem identificar uma profissão, sendo eles a função socialmente reconhecida como útil em resultado da sua finalidade, o dominar um conjunto de saberes teóricos e práticos, competências e capacidades específicas, o exercer com autonomia e poder podendo decidir como proceder profissionalmente e justificando-se dessas decisões perante a sociedade e os colegas da sua atividade, e por fim, o facto de praticar a sua atividade num quadro de desenvolvimento profissional que permite ao profissional realizar uma análise reflexiva e ajustar as suas decisões e estratégias em prol dos alunos e do desenrolar das situações. O desenvolvimento profissional deve ser um processo contínuo e, principalmente, reflexivo que se reflete sobretudo com as necessidades pessoais do educador.

Como refere Silva (2011), a reflexão possibilita uma visão crítica do profissional em relação a ele próprio e à realidade envolvente, por meio do questionamento. A mesma autora alude que o ato de refletir permite analisar as práticas, identificar os progressos e pensar em novas estratégias para implementar e melhorar a sua prática profissional.

Com o passar dos anos a caracterização do 'ser professor' tem vindo a alterar-se, a certo ponto até a evoluir, mas apenas em alguns aspetos, como a sua influência no nível das representações sociais. Ser professor não é apenas ensinar, ler textos ou realizar apresentações, ser professor é muito mais que isso, é fazer aprender, é ter a capacidade de através de diversas estratégias como realizar questões que façam as crianças pensar e não apenas 'dar-lhes' a resposta, é levá-las a pesquisar, a questionar e sobretudo a experienciar. Segundo Roldão (1998) "fazer aprender pressupõe a consciência de que

a aprendizagem ocorre no outro e só é significativa se ele se apropriar dela ativamente.” e essa é a função dos professores.

A análise reflexiva sobre a minha própria ação influencia bastante a criação das planificações, a nível de organização do ambiente, do bem-estar do grupo, é importante ter várias estratégias pensadas, pois pode haver sempre alguma criança que não está tão motivada, ou menos predisposta em alguns momentos, ou pode surgir (que surge sempre) algo que não estávamos à espera, como faltarem crianças, não ter todo o material e aí tem que haver uma rápida adaptação para se resolver a situação. É também, fulcral, que o adulto tenha uma atitude positiva, que motive e estimule as crianças, que não faça os trabalhos por elas, mas sim que lhes dê espaço, promova a sua autonomia e esteja atento a todas as pistas dadas pela criança, pois cada uma tem o seu tempo para fazer as coisas e as suas necessidades próprias.

Assim, os processos reflexivos, principalmente, de ‘reflexão-na-ação’ podem dar aos profissionais um acesso à compreensão da sua própria ação, da eficiência da mesma, retirando, principalmente, do feedback que as próprias crianças transmitem e que muitas das vezes, nós, profissionais não alcançamos porque não refletimos o suficiente.

No contexto deste trabalho de investigação que desenvolvi, dentro do meu período de intervenção em estágio, e articulado com as planificações do projeto como um todo, tive oportunidade de experienciar como é importante a reflexão-na-ação em especial, como ela nos permite escutar melhor as crianças. Também experienciar a minha própria ação como motivo de investigação, pensar na maneira de a concretizar, foi um desafio que me deu uma maior consciência de como podemos ganhar conhecimento profissional e melhorar, a partir dos processos de reflexão. E isto é válido, não só para o tema de estudo que escolhi, mas para todas as questões que possam surgir na minha prática futura.

2.3. Metodologia

Segundo Coutinho et al (2009) a investigação-ação é descrita como uma família de metodologias de investigação que abrangem em simultâneo a ação e investigação. Esta é realizada com apoio em um processo em espiral, que intercala entre ação e reflexão crítica. A investigação-ação é uma metodologia de pesquisa que visa produzir conhecimentos sobre a ação. De acordo com Pazos (2002) para realizar uma investigação-ação, devemos ter em consideração quatro questões-chave, sendo elas o que está a ser investigado, quem está a ser investigado, como e para quê. É muito

importante que haja uma análise reflexiva por parte do professor sobre a sua prática, não apenas no fim, mas ao longo do processo, conseguir assumir que algo não está a correr bem e saber identificar o porquê, encontrando uma solução para melhorar. Para Coutinho et al. (2009) realizar uma investigação-ação envolve planejar, atuar, observar e, principalmente, refletir com mais cuidado sobre as nossas ações quotidianas, no sentido de as melhorar nas nossas práticas e ter um melhor conhecimento acerca das mesmas.

Como ficou claro na primeira parte do meu relatório, as questões já assinaladas foram emergindo ao longo da minha ação e como tal foi também ao longo das planificações e da implementação dos projetos que foram sendo levantados alguns dados como também já referi mais atrás. Para efeitos deste estudo concebi a planificação (Anexo IV) de uma atividade que decidi implementar especificamente com a intencionalidade de recolher dados para este estudo, sem prejuízo de também mobilizar nas minhas análises de dados os elementos que recolhi com outra atividade relacionada com os avós e o diário de campo que estão presentes nos anexos.

Fernandes (1991) aponta que este tipo de estudo está concentrado numa investigação naturalista, ou seja, é feita no terreno onde decorre a investigação. Optei pelo método de investigação qualitativa porque o objetivo seria fazer uma pesquisa sem controlar o meio, pretendendo principalmente observar, descrever e interpretar o que acontece.

Como referi no início desta segunda parte deste Relatório, o processo de investigação desenvolvido organizou-se em torno da resposta a três questões principais:

- a) Qual o papel dos avós na construção de valores nas crianças?
- b) Qual o impacto da ausência ou presença dos avós no bem-estar e nas aprendizagens das crianças?
- c) Conhecer essa dimensão (intergeracionalidade) do contexto relacional da criança, poderá contribuir (e como) para melhorar a minha ação e a resposta educativa às crianças?

2.3.1. Contexto e participantes do estudo

O aparecimento da pandemia Covid-19 dificultou a investigação e atividades pensadas para o estágio bem como as experiências planeadas para observar mais detalhadamente a problemática da presença dos avós na vida dos netos, pois com o isolamento e as regras não foi possível levar os avós à escola ou ir visitar o lar. Contudo, foram pensadas diversas maneiras de contornar a situação o que fez com que fossem

pesquisadas e construídas diversas estratégias para entender esta ligação em tempos de pandemia. Este obstáculo originou um crescimento enquanto profissional pois foi necessária uma solução e adaptação para a concretização do projeto e do próprio estágio, tanto a nível de atividades como de comunicação com as crianças.

A investigação decorreu durante o estágio de Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância, com um grupo formado por 16 crianças, quatro do sexo feminino e doze do sexo masculino com idades compreendidas entre os 3 e 4 anos.

2.3.2. Opções Metodológicas: procedimentos e ética

O processo decorreu num tempo sobreponível às semanas de intervenção em estágio em JI (21 de Setembro de 2020 a 18 de Dezembro de 2020) e as atividades que foram especificamente designadas para realizar registos de observação foram planificadas adentro da planificação mais abrangente (relativa ao projeto de estágio em curso).

A atividade “Os meus avós”, já descrita na primeira parte deste Relatório (cf. Anexo II) e a atividade “História dos Avós” (cf. Anexo III) foram os momentos estruturados por planificação prévia, que foram objeto de registo em áudio e vídeo.

Os dados que apresentarei resultam também de elementos do meu diário de campo, selecionados (cf. Anexo I) com o critério de estarem relacionados com o discurso das crianças a propósito dos avós, em qualquer situação / contexto em que pudesse ocorrer, nos vários momentos do dia.

No decorrer dos estágios realizados e à medida que ia sendo feito o trabalho investigativo, recolhi dados através da observação direta e indireta, o registo livre de conversas informais com os profissionais e com as crianças, e das minhas próprias reflexões, registos áudio e vídeo. As transcrições/registos dos diferentes momentos e atividades, recolhidas efetuadas através dos vários instrumentos foram trianguladas, e a análise de conteúdo centrou-se nas falas e comportamentos observados das crianças.

Como já referi anteriormente, este trabalho mostra-se como sendo uma investigação qualitativa, visto que se centra não apenas nos resultados, mas sim em todo o processo realizado.

Houve a preocupação de conversar com a Educadora de Infância Cooperante e enviar com a devida antecedência pedidos de autorização aos encarregados de educação face à necessidade de registo de imagens das crianças nas atividades como ferramenta de avaliação única e exclusivamente para fins académicos. Nesse aspeto nunca houve

qualquer tipo de problema, pois todos os EE autorizaram o registo fotográfico dos seus educandos. Foi garantido ainda pela investigadora aos EE o anonimato dos seus educandos de modo a preservar a confidencialidade das informações reunidas. Este procedimento vai ao encontro do parecer de Bogdan e Biklen (1994), quando referem que as identidades dos sujeitos devem ser salvaguardadas, para que a informação recolhida pelo investigador não cause futuros transtornos.

É ainda de salientar que todos os nomes utilizados para identificar as crianças nas atividades são fictícios.

2.4. Apresentação e discussão dos resultados

Como já foi referido anteriormente, a recolha de dados que foi realizada através da observação direta e indireta, e devidamente registada no diário de campo, e das atividades realizadas relacionadas com os avós permitiram uma melhor discussão da presente problemática.

Quando observadas as grelhas de observação, realizadas as atividades dos avós e finalizado o diário de campo, todos os dados recolhidos foram organizados e analisados tendo em vista responder às questões que coloquei à partida. Com as duas primeiras questões pretendia sobretudo perceber no discurso e comportamento das crianças, nos vários momentos do dia, formais, informais, de transição, como os avós entram nas suas vidas, no seu quotidiano, e que sentimentos lhes estão associados, tanto quanto é possível perceber na observação. Organizei, com este objetivo, uma tabela de dupla entrada na qual tento enquadrar as respostas das crianças, com base nas seguintes categorias colocadas em paralelo e que tento cruzar: o conteúdo do que a criança disse; e, a tonalidade emocional associada (cf. Pps 37 e 38 mais adiantes)

De modo a que a apresentação e discussão dos dados que obtive seja lida com clareza e confortável para o leitor irei apresentar os dados, procurando analisá-los questão a questão.

a) Qual o papel dos avós na construção de valores nas crianças?

Em relação à primeira questão, as crianças referiram várias vezes nos diversos momentos que aprenderam bastantes coisas com os avós. Na atividade realizada com recurso às fotografias (Anexo II), algumas das aprendizagens e passatempos que as crianças disseram fazer com os avós remetem para a transmissão de valores e história,

como disse o F: “eu aprendi coisas das histórias de antigamente”; outras para aprendizagens mais pessoais como: “os avós ensinaram-me a andar de bicicleta” e “a avó faz bolos comigo”; outras relacionadas com o meio ambiente como: “o avô leva-me à horta a pôr as alfaces e os tomates”, “os avós levam-me a apanhar maçãs nas árvores e dão beijinhos” e , esta transcrição de um comentário relativo ao anexo I “RC: Lavo as mãos na casa da avó e ela diz-me para não deixar a água a correr.”; e outras mais relacionadas com os sentimentos como: “eles dão-me colinho e miminhos” e “a avó dá abraços e beijinhos”. Isto faz sentido cruzado com o que reforça Daniel Sampaio (2008, p.63): “A relação de amor entre avós e netos constrói-se dia a dia, a partir de pequenas ações do quotidiano, sem metas definidas, nem caminhos pré-estabelecidos” e a minha experiência também me diz, pelo que observei que os avós são eles próprios aprendizagem e motivam também a partilha de responsabilidade de tarefas e funções. Os avós são um pilar fundamental para a construção de valores das crianças e na continuação das tradições, como podemos observar num comentário feito pela MC (cf. Anexo I) onde referiu que foi passear com a avó e comeu castanhas com ela na rua, devido a ser o dia de são martinho. Também neste anexo (cf. Anexo I), podemos observar que os avós são uns mestres da cidadania, além das referências já feitas de atividades do quotidiano relacionadas com o meio ambiente, podemos ainda observar o comentário do F, onde refere que, após um momento no recreio, onde encontramos uma minhoca, o F disse que havia muitas minhocas daquelas no quintal da avó e que a avó disse que aquelas minhocas se chamam ‘Maria Café’, são pequenos momentos ou comentários como este que as crianças captam e que as ajudam a crescer e desenvolver mais. Strecht afirma que “(...) pela sua experiência de vida os avós transportam uma sabedoria em pequenos gestos simples, mas indispensáveis para o dia a dia dos mais novos” (2016, p.7).

Os avós também assumem muito o papel de cuidadores, quando os pais não conseguem estar tão presentes. Os avós vão muitas vezes levar e buscar os netos à escola porque os pais se encontram a trabalhar, e alguns deles chegam a tomar banho e jantar na casa dos avós, pois estes são cada vez mais uma presença ativa na vida das crianças, principalmente, para aqueles pais que têm empregos com horários rotativos, ou que por um motivo ou outro não têm disponibilidade para estar com os filhos. Ao longo dos meus estágios foi possível observar que maioria das crianças ia para a escola com os avós, diversas vezes, e muitas delas regressavam a casa, também com os avós, esta geração é muito presente na vida dos netos, em diversas atividades em que questionei as crianças se viviam perto dos avós, algumas responderam que sim e que estavam regularmente com eles (cf. Anexo I), ainda neste anexo, podemos

observar notas como “Neste dia, a V veio com a avó para escola” e “O RC chega à escola, entra na sala, eufórico, e diz «Hoje eu vim com o meu pai e o avô.»”, e Strecht reforça: “Levam e trazem recados, vão buscar à escola e vão levar a casa ou a atividades extracurriculares, ajudam a estudar, dão conselhos, mas mais do que tudo, envolvem-se na sua forma particular de conhecer os seus netos.” (2016, p.9).

Assim, posso afirmar que os avós são essenciais na vida dos netos, sejam mais novos ou mais velhos, os avós são importantes, ter alguma idade não representa velhice ou inutilidade, pelo contrário, é sinónimo de experiência, disponibilidade e sabedoria. São os avós a base mais importante na transmissão de valores, de histórias de família, são eles que fazem permanecer as tradições e apresentam aos seus netos a infância dos seus pais, a partir de divertidas histórias e fotografias antigas. Mais uma vez, Strecht sublinha “Ser avô é uma tarefa diária, exige presença e continuidade ao longo de todas as estações.” (2008, p.27).

b) Qual o impacto da ausência ou presença dos avós no bem-estar e nas aprendizagens das crianças?

No que diz respeito à segunda questão, o impacto da presença ou ausência dos avós, é grande, seja num caso ou noutro. No decorrer dos estágios passaram por mim algumas (poucas) crianças que não tinham relação presencial com os avós. Passo a explicar, havia uma ou duas que já não tinha mesmo avós, as restantes, não tinham os avós por perto, ou eram do Norte, ou eram do Sul ou até do estrangeiro, havia duas crianças que tinham os avós no Brasil, mas apesar disso, falavam regularmente com eles por videochamada ou por telemóvel. Por vezes, não é por ter os avós perto que são mais ligados a eles do que se tiverem os avós longe, contudo, das diversas crianças que passaram por mim, as que tinham os avós por perto, todas elas tinham uma relação de presença regular com os mesmos. A relação genuína e emocional entre avós e netos transporta uma bondade e reciprocidade inexplicável.

Ao longo da construção do meu diário de campo (cf. Anexo I) fui observando direta e indiretamente momentos em que as crianças mencionavam os avós, e algumas das notas registadas foram: “Na hora de almoço, a C não queria comer a sopa e foi-lhe dito que ela tinha de fazer um esforço e comer nem que fosse um pouco e ela disse que a tia e a avó não a obrigavam a comer a sopa em casa.”, “A FM faz de avó na casinha. Num momento de brincadeira livre, cerca de quatro crianças estavam a brincar às famílias.

C – “Eu sou o pai”

I – “Eu sou a mãe”

FM – “Eu também sou a mãe”

Estagiária – “FM, já temos uma mãe que é a I, não queres ser outra pessoa?”

FM – “Sou a avó”

Então a I que fazia de mãe e a FM que fazia de avó resolveram ir juntas buscar o bebé à escola e a FM disse “hoje vais jantar na casa da avó” e a I disse “eu vou às compras” e a FM levou o bebé e deu-lhe jantar”. As crianças representam espontaneamente na sua brincadeira a rede de suporte ao seu bem-estar.

“Numa conversa informal a estagiária afirma que está a chover e que se esqueceu de apanhar a roupa e a C diz que ajuda a avó a apanhar a roupa quando vai a casa dela. “ e “No recreio, estava um pneu com terra e num momento de brincadeira livre, alguns meninos começaram a andar de volta do pneu e a ver a terra e a ML diz que o avô tem terra daquela na horta onde planta os tomates e as alfaces.”. Estas são algumas de muitas notas registadas onde demonstra o impacto que os avós têm nas aprendizagens e crescimento das crianças, como referi anteriormente, são pequenos (grandes) momentos como estes, que ajudam as nossas crianças a crescer, desde as tarefas domésticas, aos valores e às aprendizagens mais pessoais, como plantar alfaces, são experiências diferentes que as crianças não esquecem e que as marcam, seja apenas com os avós, ou com os avós e os pais. Estes exemplos que dei demonstram o papel fulcral que os avós têm na vida dos netos. E poderiam questionar-me, ‘e não podem fazer isso com os pais?’, podiam, claro que sim, mas os pais, provavelmente não conseguiriam fazê-lo da mesma forma que os avós fazem, que os avós ensinam e transmitem sabedoria, os avós fazem-nos observar as coisas de outra perspetiva e Strecht confirma-o afirmando: ‘(...) transportam uma outra visão da vida. Têm uma espécie de lente especial que vê as mesmas coisas de uma outra maneira” (2016, p.9). Isto indica que as crianças efetivamente apreendem melhor quando nos ancoramos nesta relação entre avós e netos.

A presença habitual dos avós, leva muitas vezes à criação de conflitos com os pais, pois os avós possuem uma autoridade diferente, uma autoridade onde existem limites, claro, mas uns limites diferentes dos limites dos pais, limites esses que levam muitas vezes os avós a protegerem os netos e a relativizar um pouco as coisas, como o não ser preciso comer a sopa, mas pode comer aquele chocalatinho na mesma. E são estas pequenas exceções que fortalecem a relação dos avós e dos netos comparativamente

à relação dos mesmos com os pais. Tudo o que venha dos avós é especial, seja de muito ou pouco valor, porque vem recheado de amor, como podemos observar do diário de campo (cf. Anexo I) alguns comentários como “Na chegada à escola, a C vem direita a mim, entusiasmada e diz “Sol, olha aqui!”, apontando para as botas. E eu disse “Que bonitas, são novas?”, ao que a C respondeu “Sim, foi a avó que deu ontem” e “Após o almoço, estava no tapete a brincar com alguns meninos e reparei num anel com pérolas que a ML tinha e afirmei “Que anel tão giro!” e ela respondeu “Foi a avó que me deu este anel e outros anéis que tenho”. São estes pequenos miminhos que mais tarde viram recordações e reforçam esta relação, isso juntamente com todos os momentos já descritos anteriormente, momentos em que os netos são o centro da atenção para os avós, onde os avós fazem e brincam aos legos como faziam na sua infância, brincam aos unicórnios, e acima de tudo amam os seus netos, e o demonstram através do colinho, dos beijinhos e dos abraços que as minhas crianças tanto mencionaram e para o comprovar Daniel Sampaio afirma que “Os avós mostram um amor incondicional, uma disponibilidade continuada, e acima de tudo, uma tranquilidade relacional baseada na experiência, tornando singular o seu relacionamento com os netos.” (2008, p.83).

Quadro 3 - Análise dos Dados Recolhidos

Diário de Campo				
Categoria →	Subcategoria	Respostas	Subcategoria	← Categoria
Conteúdo do que foi dito	Vivência	<p>“No momento de brincadeira livre, na área da casinha, várias meninas estavam a brincar e a dizer as brincadeiras que fazem em casa e a ML mencionou que brinca aos unicórnios com a avó”</p> <p>“A ML, quando estávamos no recreio estava a brincar com a V aos agricultores ao pé de um vaso com terra e diz que planta batatas com a avó.”</p> <p>“Quando estávamos no recreio, a realizar uma atividade sobre os animais, encontrámos caracóis e a MLM diz que a avó tem muitos caracóis no pátio da casa dela”</p> <p>“Quando as estagiárias questionaram o grupo se no dia anterior tinham comido castanhas devido a ser o dia de São Martinho, a MC diz que no dia anterior foi passear com a avó e comeu castanhas com ela na rua.”</p>	<p>Felicidade</p> <p>Entusiasmo</p> <p>Entusiasmo</p> <p>Entusiasmo</p>	Tonalidade Emocional
	Sentimento	<p>“A LJ quis fazer um desenho e desenhou-se mais a avó e a mãe”</p> <p>“O RC chega à escola, entra na sala, eufórico, e diz «Hoje eu vim com o meu pai e o avô»”.</p> <p>“Neste dia a FM fez anos e a estagiária perguntou se ela iria cantar os parabéns em casa com os pais à noite e a FM respondeu que sim e que os avós e a prima também iam.”</p> <p>“Foi iniciada com o grupo a temática das emoções, após o visionamento do filme houve um pequeno diálogo com o grupo acerca do mesmo e a estagiária questionou o grupo acerca do que sentiam quando estavam com os avós, as respostas foram as seguintes: 11 crianças responderam feliz.</p>	<p>Felicidade</p> <p>Entusiasmo</p> <p>Ansiedade</p> <p>Felicidade/Tristeza</p>	

		<p>3 crianças responderam muito contente. 1 criança respondeu triste e a estagiária questionou porquê e a criança respondeu «porque depois eu tenho de vir embora e quero ficar na casa da avó.»»</p> <p>“Na brincadeira livre, a ML, a V e a MC quiseram realizar um desenho e desenharam os avós com elas no parque.”</p> <p>“Na chegada à escola, a C vem direita a mim, entusiasmada e diz “Sol, olha aqui!”, apontando para as botas. E eu disse “Que bonitas, são novas?”, ao que a C respondeu “Sim, foi a avó que deu ontem”.</p>	<p>Felicidade</p> <p>Entusiasmo</p>	
	Aprendizagem	<p>“Na hora de almoço, a C não queria comer a sopa e foi-lhe dito que ela tinha de fazer um esforço e comer nem que fosse um pouco e ela disse que a tia e a avó não a obrigavam a comer a sopa em casa.”</p> <p>“No recreio, encontramos uma minhoca e o F disse que havia muitas minhocas daquelas no quintal da avó e que a avó disse que aquelas minhocas se chamam Maria Café.”</p> <p>“Numa conversa informal a estagiária afirma que está a chover e que se esqueceu de apanhar a roupa e a C diz que ajuda a avó a apanhar a roupa quando vai a casa dela.”</p> <p>“As estagiárias questionaram o grupo se faziam reciclagem em casa, maioria respondeu sim ou não, exceto a V que respondeu que não fazia reciclagem em casa dela, mas que a avó fazia e quando ela ia à casa da avó também fazia.”</p> <p>“No recreio, estava um pneu com terra e num momento de brincadeira livre, alguns meninos começaram a andar de volta do pneu e a ver a terra e a ML diz que o avô tem terra daquela na horta onde planta os tomates e as alfaces.”</p>	<p>Raiva/Revolta</p> <p>Entusiasmo</p> <p>Felicidade</p> <p>Felicidade</p> <p>Entusiasmo</p>	

c) Conhecer essa dimensão (intergeracionalidade) do contexto relacional da criança, poderá contribuir (e como) para melhorar a minha ação e a resposta educativa às crianças?

Ao longo do estágio planifiquei atividades e na execução de algumas das mesmas observei que aquela estratégia pensada não se estava a adequar por algum motivo, ou não captava a atenção das crianças, ou não estava a permitir que o grupo participasse todo ou até mesmo por distrações fora da atividade, então nesse mesmo momento ou numa próxima vez, eu deveria repensar e reformular a estratégia de como desenvolver a atividade. Nesses momentos essas atividades pensadas estrategicamente por mim, levou-me a repensá-las naquele momento, a olhar de diversos ângulos e pontos de vista como poderia fazer com que eu atingisse os meus objetivos e proporcionasse novos conhecimentos e aprendizagens às crianças.

Para responder à minha terceira questão vou mobilizar dados que recolhi dos vídeos realizados na atividade da história dos avós – descrita no anexo III – e observados agora de outra forma, não do ponto de vista do que as crianças disseram, mas do que foi a minha ação e a adaptação da primeira tentativa para a segunda tentativa. Esta atividade foi uma atividade planificada, porém observada, registada e analisada no âmbito da investigação. Para enquadramento do leitor irei fazer um breve resumo da atividade. A atividade correu completamente ao contrário de tudo o que tinha sido planeado. Iniciou-se com a estagiária a fazer uma pequena introdução, onde explicava que aquela iria ser uma atividade diferente, pois iríamos contar uma história relacionada com os avós, mas eram as crianças que iriam criar a mesma em conjunto com a estagiária e que a história era livre, e a única regra era que as personagens dos avós tinham que estar presentes.

A estagiária lançou o desafio dizendo “era uma vez, uma senhora chamada Marta...” e criança a criança em ordem do círculo iria acrescentando qualquer coisa de modo a criar uma pequena história. Inicialmente, foram poucas as crianças que participaram, pois muitas delas disseram que não sabiam ou ficavam apenas em silêncio (algo habitual no grupo, os momentos de silêncio). Após dar a vez a todas as crianças, algumas das mesmas começaram a participar mais, mas maioria delas limitavam-se a repetir o mesmo em todas as rondas, fazendo com que a história se remetesse um pouco para a repetição e sem grandes avanços. Um dos principais objetivos era não intervir com o grupo, de modo a não influenciar o sentido da história ou a dar respostas por eles, mas sim ter mais um papel de ‘pessoa dentro do grupo’ em vez de orientadora do mesmo, focando principalmente na escuta e no desenvolver da atividade mesmo que isso englobasse haver momentos de silêncio ou de brincadeira ou até mesmo de fugir

resultado do produto, que era os avós. Maioria das crianças referiram o tempo meteorológico na história, sendo que houve intervenções como “depois o avô e a menina foram jogar hóquei” e “a menina foi à horta plantar com a avó”, mas maioria das participações consistiam em “apareceu o sol”, “depois veio a chuva” ou “veio o arco-íris”.

Apesar de neste dia terem faltado apenas três crianças, houve influência no grupo, pois duas destas são das mais participativas do grupo, o que teria, possivelmente, melhorado de algum modo o envolvimento do grupo e desenvolvimento da atividade. De um modo geral, mais para o final, já todas as crianças iam participando de alguma maneira, no entanto, não correu como foi esperado pois, apesar do grupo ser pouco participativo, era esperado que se envolvesse um pouco mais para a construção da história, sendo que as condições a níveis de tempo e espaço também não eram as mais favoráveis e havia ainda outro fator predominante que era a presença de mais adultos na sala, o que acabava por distrair as crianças ou até deixá-las menos à vontade. Outro fator que foi bastante relevante para a atividade não ter corrido da melhor maneira fui eu – Solange - que à medida que a atividade decorria só pensava que algo estava errado, pois as coisas não estavam a correr bem, e eu não estava a conseguir levar as coisas da maneira correta.

Após uma conversa com a orientadora de estágio, foi decidido pela estagiária realizar novamente a atividade usando estratégias diferentes e mudando de atitude, sendo que optei por realizar a atividade em três fases, sendo que a primeira fase era para criar o início da história e o grupo falava livremente, sem ordem de participação, mas de forma individual, na segunda fase seria construído o corpo da história e a participação do grupo era realizada a pares de modo a promover o diálogo e a terceira fase corresponderia ao final da história e seria realizado em trios, para fomentar a troca de opiniões. A estagiária estava sempre presente como orientadora, mas sem intervir muito, mas fazendo comentários ou questões que motivassem o pensamento ao grupo, por exemplo, “quem vão ser as personagens da nossa história?”, “o que vai acontecer nesse dia?”.

A atividade era para ser realizada na rua, mas devido à chuva foi realizada nas escadas, no corredor da escola, apenas com a presença das estagiárias, sem qualquer outro adulto. O grupo sentou-se nas escadas, três crianças por degrau, sendo que a estagiária estava sentada no fim das escadas de modo a conseguir observar todo o grupo e a outra estagiária que estava a auxiliar sentou-se no cimo das escadas de modo a gravar a atividade sem apanhar a cara das crianças para manter a confidencialidade das mesmas.

A atividade foi iniciada, foi explicado novamente que iríamos criar de novo uma história sobre os avós, mas que seria diferente da outra, que primeiramente iríamos começar a história e que acabaríamos noutro dia e que podiam participar e falar quando quisessem. E assim foi, a estagiária começou por questionar o grupo “Vamos lá criar a história mais fixe do mundo sobre os avós! Quem vão ser as personagens da nossa história?” e as crianças rapidamente aderiram dizendo “os avós”, “o pai”, “a mãe”, “os tios” e “o cão”, sendo a participação bastante ativa ao longo de toda a construção da história. Apesar de o planeado ser realizar a história em três fases, devido à adesão do grupo na primeira fase, o tempo foi decorrendo e acabámos por criar o início e o corpo da história. Então a atividade acabou por ser realizada em apenas duas fases, sendo que a primeira foi livre, individual e a segunda fase foi realizada em trios. A estagiária começou por explicar o que era conversar em trios e o grupo rapidamente percebeu e conseguiu realizar a atividade com sucesso. Foi-lhes dado cerca de três minutos para falarem entre os trios como iria acabar a história e após esse tempo, reunimo-nos para ouvir cada trio e chegar a um consenso para o fim da história.

A nível de comparação da primeira história para a segunda, as condições, a atitude e estratégias da estagiária foram fulcrais para que a segunda história corresse melhor e, apesar de o resultado do produto não ser de todo o mais importante, a segunda história acabou por atingir os objetivos propostos. A história foi posteriormente, lida às crianças havendo uma reflexão no final com o grupo, onde as crianças disseram o que acharam da história, como se sentiram, alguns dos comentários foram: “eu fiquei feliz de ouvir a história porque eu faço coisas dessas com a avó” ou “essa parte fui eu que disse e eu contei à avó que ela está na história que fiz na escola”.

“Pressupõe-se que os aspetos físicos de mudança procurem colmatar as preocupações anteriormente identificadas, desdobrando-se em iniciativas concretas que permitam a mudança.” (Gabriela Portugal, 2017). Vejo esta atividade como uma aprendizagem, uma conquista preciosa pois a meu ver é diferente daquelas atividades em que as educadoras levam já tudo preparado, foi algo espontâneo, imprevisível e criativo, que permitiu que as crianças se sentissem livres para se expressarem e participarem. Inicialmente a atitude e estratégia não era a melhor, talvez também por alguma inexperiência da minha parte, mas o facto de conseguir refletir ao longo da ação permitiu-me perceber que algo não estava a correr bem e que teria de adaptar as minhas estratégias, pois inicialmente também estava demasiado focada no produto final, o meu foco de atenção era que as crianças me dessem uma história, mas não, o importante era fazer as crianças pensarem e perceber a importância da relação das mesmas com

os avós e isso refletiu-se na história e nas participações das crianças que foram buscar as suas contribuições às vivências já passadas com os avós.

É muito importante todo o processo de abordagem e planeamento das atividades, desde a organização do espaço ao clima do grupo, temos que saber observar antes, durante e depois para conseguir planificar e definir os objetivos que queremos atingir. Foi muito importante neste processo, conhecer o sentir das crianças, ficar sensível e aberta ao que espontaneamente quiseram exprimir, para melhor saber corresponder e interagir com as crianças.

Segundo Gabriela Portugal (2017) o adulto deve ter uma atitude estimulante, que cativa as crianças e as faça criar uma relação de empatia com ele, e deve principalmente ajudá-las a desenvolver -se autonomamente, respeitando a necessidade e tempo de cada uma.

Deve existir uma reflexão ao longo de todo o processo, não refletir apenas depois de fazermos as coisas, mas sim enquanto estamos a fazê-las, e ajustar estrategicamente a nossa ação pela observação do que estamos a fazer. Estar atento ao que está a acontecer no momento e saber ajustar, mesmo que haja erros, pois estes acontecem sempre, temos é que saber corrigi-los. Este trabalho fez-me perceber como é que se investiga e como posso construir o meu conhecimento enquanto educador, e isso é algo quotidiano, que se vai conquistando, com investigação, ação e reflexão durante e depois das atividades, isto permite evoluir e reforçar o meu desenvolvimento profissional, pois não só promovo aprendizagens às crianças, como construo o meu conhecimento profissional.

Reflexão Final

A execução do presente relatório contribuiu bastante para o desenvolvimento do meu saber profissional. Os diferentes estágios realizados foram fulcrais para a minha formação como futura profissional e contribuíram bastante para os meus conhecimentos acerca do papel do educador de infância, além disso, foram-me proporcionadas várias experiências que fizeram com que pudesse começar a conhecer-me melhor e a perceber o que mais se adequa a mim em termos de desenvolvimento profissional, tanto a nível de metodologias, como de estratégias a utilizar.

Alguns dos constrangimentos com que me defrontei surgiram logo no início da investigação, no decorrer dos estágios, pois como já referi anteriormente tinha idealizado realizar algumas atividades entre as crianças e os avós, para poder observar de perto esta relação, realizando um piquenique, criando momentos em que os avós iriam à escola desenvolver algumas atividades com os netos, e também realizar uma visita de estudo onde as crianças pudessem ir ao lar de idosos conhecer os avós do lar, contudo, nada disto foi possível de realizar devido à pandemia.

Não só não foi possível realizar as atividades idealizadas, como as crianças chegaram mesmo a estar longe dos avós, então tive que ajustar-me à situação e encontrar outra forma de recolher dados, aproveitando também fazer observações exploratórias dos sentimentos das crianças e dos seus pensamentos por estarem longe dos avós. No decorrer das atividades foi possível observar que esta relação não pode ser desconsiderada, mas sim, fortalecida. Os netos precisam de conviver com os avós, ainda mais nos dias que correm, com a evolução das tecnologias, volto a reforçar, os netos precisam de conviver com os avós, precisam de ouvir os conselhos que os avós dão, precisam da presença daquela canção enquanto os empurram no baloiço ou enquanto regam o jardim, precisam de fazer 'a greve da sopa' na casa da avó e de brincarem livremente na terra, de dar comer aos animais, de estar fora de casa, é por estes e muitos outros motivos que os avós são um exemplo, um pilar de referência. Strecht afirma que "Hoje, mais do que nunca, cabe aos avós a difícil tarefa de mediação perante um mundo em grande mudança, onde nada parece muito certo ou duradouro." (2016, p91).

Uma aprendizagem que considerei fundamental, ao longo de todo este percurso, foi gradualmente aperceber-me que a reflexão profissional é muito importante e é uma necessidade constante, é indispensável observar o nosso grupo e apercebermo-nos das suas qualidades e necessidades, e de arranjarmos diversas estratégias para explorar cada qualidade ou necessidade de cada criança.

Deste relatório levo comigo a fantástica oportunidade de ter investigado acerca de um tema que acho bastante importante para o desenvolvimento das nossas crianças, e é algo que não é muito investigado nestes contextos educativos, daí ter sido um pouco mais desafiador. Acho que é importante pensarmos não apenas dentro da escola, mas também fora da mesma, e não só na família que co-habita com a criança, mas também na família que pode não viver na mesma casa, mas que como referi anteriormente é um pilar para o crescimento das crianças. Com o decorrer da investigação e construção do relatório, foram sendo esclarecidas algumas dúvidas que surgiram inicialmente. Uma delas era compreender o que sentiam as crianças por estarem longe dos avós devido à pandemia e o impacto que a ausência desta geração tem no desenvolvimento, principalmente emocional, das crianças, e podemos observar que o facto de não ter uma presença e uma ligação contínua com os avós afeta as crianças em diversos aspetos já mencionados anteriormente. Também pude perceber que o amor incondicional e acompanhamento dos avós, mesmo distantes fisicamente, traz muito bem-estar e alegria à vida das crianças.

É importante salientar ainda o facto de existir pouca documentação acerca desta ligação, e a falta de workshops ou formações, sobretudo para os profissionais, de como explorar esta ligação entre avós e netos. Escutar e observar as crianças com este foco pode ser relevante, também por essa razão. Compreende-se a importância de incorporar os elementos de observação, conhecimento dos contextos de vida das crianças (p.ex. relação com a figura dos avós) nas planificações, na definição dos projetos, por forma a construir respostas educativas ajustadas, apropriadas às necessidades das crianças.

Termino este relatório orgulhosa e vejo-o como uma conquista para o meu futuro pessoal e profissional. Após este relatório irei continuar a trabalhar pela minha formação e para que seja uma excelente profissional que fará todas as suas crianças felizes.

Para terminar, Strecht afirma, e com muita razão, “Avô e avó são palavras ilimitadas. Representam o infinito, o escuro imenso de onde pode renascer a luz. Brilham na vida dos netos.” (2016, p.15).

Referências Bibliográficas

- Bertram, T., & Pascal, C. (1997). A conceptual framework for evaluating effectiveness in early childhood settings. *European Early Childhood Education Research Journal*, Vol. 3 (pp.125-150).
- Bertram, T., & Pascal, C. (1999). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias: nove estudos de caso*. Porto: Porto Editora.
- Bertram, T., & Pascal, C. (2000). O Projecto “Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias”: sucessos e reflexões. *Infância e Educação - Investigação e Práticas*. Revista do GEDEI, nº 2, Dezembro, (pp.17-30).
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editor
- Cabral, V. (2015). *Educar para a Cidadania através de Práticas de Igualdade de Género na Educação Pré-Escolar*. Portalegre: Escola Superior de Educação, Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar.
- Câmara Municipal de Santarém (s.d.). Território. Disponível em https://www.cmsantarem.pt/?option=com_k2&view=item&layout=item&id=1094&Itemid=699.
- Carvalho, C.M., & Portugal, G. (2017). *Avaliação em Creche: CRECHendo com qualidade*. Porto Editora
- Coelho, H. (2013). Contar histórias num grupo de 5 anos: que reflexo nas aprendizagens? Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-accção : metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13:2 , pp. 355- 379.
- Fernandes, D. (1991). “Notas sobre os paradigmas da investigação em educação”. *Noesis* (18), pp. 64-66.
- Fonseca, J. (2011). *A cidadania como projecto educacional: uma abordagem reflexiva e reconstrutiva*. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores.
- Laevers, F. (1994). *Defining and assessing quality in early childhood education*. Leuven: Leuven University Press.
- Pais, V. (2013). *O papel dos avós: Como percebem os avós a sua importância na educação dos netos*. Coimbra: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
- Pazos, M. (2002). Algunas reflexiones sobre la investigación-acción colaboradora en la educación. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, Vol1 - N1
- Pedro, J. G. (2005). O papel dos avós no século XXI, *Revistas Científicas da Universidade Católica Portuguesa*.
- Roldão M. (2007) Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação*, Jan-Abril, Vol.12. São Paulo, Brasil
- Roldão, M. (1998) Dossier Temático: A escola-autonomia e mundança. *A Revista da ESES*, nº9. Escola Superior de Educação de Santarém
- Rodrigues, M. I. (2012). *O impacto das atividades intergeracionais no desempenho cognitivo dos idosos*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Sociais.
- Sá, E. (2019). A casa da avó. Blog. Disponível em: <https://www.eduardosa.com/blog/notas-soltas/a-casa-da-av%C3%B3/>
- Sá, E. (s.d.) Queremos ser avós, só avós, e nada mais que avós! Blog Educar do Sá, Notas Soltas
- Sampaio, D. (2008). *A Razão dos Avós*. Cidade: Editorial Caminho
- Silva, L. I., Marques, L., Mata L., & Rosa, L. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção Geral da Educação.
- Silva, M. (2011). *Da prática colaborativa e reflexiva ao desenvolvimento profissional do educador de infância*. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa.
- Strecht, P. (2016). *Queridos Avós*. Cidade: Verso de Kapa.

Anexos

Anexo I – Diário de Campo

▪ 28/10/2020: Quarta-feira

Na hora de almoço, a C não queria comer a sopa e foi-lhe dito que ela tinha de fazer um esforço e comer nem que fosse um pouco e ela disse que a tia e a avó não a obrigavam a comer a sopa em casa.

▪ 29/10/2020: Quinta-feira

- No momento de brincadeira livre, na área da casinha, várias meninas estavam a brincar e a dizer as brincadeiras que fazem em casa e a ML mencionou que brinca aos unicórnios com a avó.

- A LJ quis fazer um desenho e desenhou-se mais a avó e a mãe.

▪ 30/10/2020: Sexta-feira

No recreio, encontramos uma minhoca e o F disse que havia muitas minhocas daquelas no quintal da avó e que a avó disse que aquelas minhocas se chamam 'Maria Café'.

▪ 03/11/2020: Terça-feira

A FM faz de avó na casinha. Num momento de brincadeira livre, cerca de quatro crianças estavam a brincar às famílias.

C – “Eu sou o pai”

I – “Eu sou a mãe”

FM – “Eu também sou a mãe”

Estagiária – “FM, já temos uma mãe que é a I, não queres ser outra pessoa?”

FM – “Sou a avó”

Então a I que fazia de mãe e a FM que fazia de avó resolveram ir juntas buscar o bebé à escola e a FM disse “hoje vais jantar na casa da avó” e a I disse “eu vou às compras” e a FM levou o bebé e deu-lhe jantar.

▪ 04/11/2020: Quarta-feira

Neste dia realize a atividade “Os meus avós”, as informações mais importantes que foram recolhidas foram:

F: Eu aprendi com os meus avós coisas de antigamente, da família

V: Eu apanho maçãs com a avó

MC: os avós ensinaram-me a andar de bicicleta

S: o avô brinca comigo aos jogos e carros

ML: o avô leva-me à horta a pôr as alfaces e os tomates

- Algumas crianças mencionaram que costumam cozinhar com as avós, mais especificamente fazer bolos ou bolachinhas

- Algumas crianças referiram que, muitas vezes, são os avós que as levam ou vão buscar à escola

- Algumas crianças têm avós que vivem longe, mas muitas delas vivem perto dos avós e estão regularmente com eles

- Maioria das crianças afirma que gosta muito dos avós porque dão beijinhos, colo, mimosos, abraços.

- **05/11/2020: Quinta-feira**

Numa conversa informal a estagiária afirma que está a chover e que se esqueceu de apanhar a roupa e a C diz que ajuda a avó a apanhar a roupa quando vai a casa dela.

- **10/11/2020: Terça-feira**

- A ML, quando estávamos no recreio estava a brincar com a V aos agricultores ao pé de um vaso com terra e diz que planta batatas com a avó.

- No contexto de uma atividade do desperdício da água questionei o grupo sobre o que os avós lhes ensinaram acerca desta temática e as respostas foram:

L: Lavo a loiça com a avó no alguidar;

F: Eu tomo banho de chuveiro na casa da avó e não de banheira cheia para não gastar muita água;

RC: Lavo as mãos na casa da avó e ela diz-me para não deixar a água a correr.

S: Lavo o carro com o avô e ele tem um balde;

FM: Ajudo a avó a fazer o jantar e ela ensina-me a lavar a loiça;

FP: Lavo as mãos com sabão na casa da avó;

V: Rego as flores da casa da avó Ana com um regador. Também lavo os dentes lá e uso um copo;

ML: Na casa da avó eu tomo banho cheio, mas é só às vezes;

MC: Eu lavo a loiça com a avó depois de fazermos um bolo e enchemos o lava-loiça com água.

R: Eu rego o jardim da avó com ela e regamos com a mangueira porque o jardim é grande;

MLM: Rego as plantas da avó com um jarro;

LS: O avô lava o carro com a mangueira e eu ajudo a lavar com sabão;

I: Eu e o avô lavamos com sabão a avó. Também lavamos a roupa na pedra (tanque).

▪ **12/11/2020: Quinta-feira**

- Quando estávamos no recreio, a realizar uma atividade sobre os animais, encontrámos caracóis e a MLM diz que a avó tem muitos caracóis no pátio da casa dela;

- Quando as estagiárias questionaram o grupo se no dia anterior tinham comido castanhas devido a ser o dia de São Martinho, a MC diz que no dia anterior foi passear com a avó e comeu castanhas com ela na rua.

- No recreio, estava um pneu com terra e num momento de brincadeira livre, alguns meninos começaram a andar de volta do pneu e a ver a terra e a ML diz que o avô tem terra daquela na horta onde planta os tomates e as alfaces.

▪ **17/11/2020: Terça-feira**

- Neste dia iniciámos a construção dos ecopontos que derivou da temática anteriormente abordada, a reciclagem, antes de iniciar a construção dos ecopontos as estagiárias questionaram o grupo se faziam reciclagem em casa, maioria respondeu sim ou não, exceto a V que respondeu que não fazia reciclagem em casa dela, mas que a avó fazia e quando ela ia à casa da avó também fazia.

▪ **19/11/2020: Quinta-feira**

- Num momento de brincadeira livre, o S estava na área dos jogos de construção com o A e, a certa altura o S disse ao A: "eu tenho estes legos em casa do meu avô, ele joga comigo. Tu também tens?" e o A respondeu: "eu não".

▪ **24/11/2020: Terça-feira**

- Foi iniciada com o grupo a temática das emoções, após o visionamento do filme houve um pequeno diálogo com o grupo acerca do mesmo e a estagiária questionou o grupo acerca do que sentiam quando estavam com os avós, as respostas foram as seguintes:

11 crianças responderam feliz.

3 crianças responderam muito contente.

1 criança respondeu triste e a estagiária questionou porquê e a criança respondeu “porque depois eu tenho de vir embora e quero ficar na casa da avó”

- Neste dia a FM fez anos e a estagiária perguntou se ela iria cantar os parabéns em casa com os pais à noite e a FM respondeu que sim e que os avós e a prima também iam.

▪ **25/11/2020: Quarta-feira**

- Na brincadeira livre, a ML, a V e a MC quiseram realizar um desenho e desenharam os avós com elas no parque.

• **27/11/2020: Quinta-feira**

Neste dia realizei a atividade “A história dos avós”, onde o objetivo era que as crianças, livremente, criassem uma história relacionada com os avós. Algumas das conclusões mais importantes retiradas foram:

- As crianças gostam de plantar com os avós;

- Os avós brincam muito com as crianças;

- Os avós vão à escola buscar os netos;

- É bom fazer refeições com os avós.

- Os avós deixam ver televisão, ver bonecos e comer doces.

▪ **02/12/2020: Terça-feira**

- Neste dia, a V veio com a avó para escola.

- Num momento de brincadeira livre, a ML, a MLM, a LJ e a V sentaram-se no tapete com os livros a inventar histórias através das imagens do livro. A certa altura, a MLM disse, apontando para a história “esta é a minha avó a dar banho ao mano”.

- **04/12/2020: Quarta-feira**

- O RC chega à escola, entra na sala, eufórico, e diz “Hoje eu vim com o meu pai e o avô”.

- **05/12/2020: Quinta-feira**

- Num momento livre, a I chega ao pé de mim e diz “Sol, sabias que ontem a avó esteve na minha casa com a Bea?”, e eu questionei “Ai foi? E quem é a Bea?”, ao que a I respondeu “É a outra neta da avó”.

- **10/12/2020: Quinta-feira**

- Na chegada à escola, a C vem direita a mim, entusiasmada e diz “Sol, olha aqui!”, apontando para as botas. E eu disse “Que bonitas, são novas?”, ao que a C respondeu “Sim, foi a avó que deu ontem”.

- **15/12/2020: Terça-feira**

- Após o almoço, estava no tapete a brincar com alguns meninos e reparei num anel com pérolas que a ML tinha e afirmei “ Que anel tão giro!” e ela respondeu “Foi a avó que me deu este anel e outros anéis que tenho”.

Anexo II – Atividade “Os meus avós”

Atividade dos avós: Diálogo com o grupo. Leitura da história “Os meus avós são especiais” e interpretação. Reconhecer as fotografias trazidas de casa, identificar os avós, se são pais do pai ou da mãe, dizer os nomes, no fundo, apresentar os seus avós ao grupo. Realização de um desenho dos avós que foi exposto ao lado das fotografias com o nome dos avós. Para finalizar a atividade e completar o placar, foi registado num coração de cartolina uma frase dita por cada criança que completasse a expressão: “Eu gosto dos meus avós porque...”

Diálogo com as Crianças

Estagiária: Hoje vamos falar dos nossos avós, sabem-me dizer coisas que aprenderam com os vossos avós?

F: Eu aprendi coisas das histórias de antigamente

Estagiária: Boa Francisco, histórias de antigamente sobre o quê, por exemplo?

F: Da família e assim

Estagiária: Boa! Então e mais? Alguém aprendeu algumas das palavras mágicas que estivemos a falar com os avós?

ML || RC: Eu aprendi a dizer... || Eu também aprendi

Estagiária: Muito bem e que mais aprenderam com os vossos avós?

F: Eles apanham fruta comigo nas árvores lá na quinta do mocho

Estagiária: A sério? Que frutas?

F: Tangerinas, como imensas tangerinas

Estagiária: As tangerinas são boas e fazem bem e apanhá-las da árvore com a ajuda dos avós, ainda é melhor!

MC: Os meus avós ensinaram-me a andar de bicicleta

Estagiária: E por exemplo, quando vão à casa dos avós, o que fazem com eles?

V: Eu apanho maçãs com o avô

R: Eles falam comigo

RC: Vejo televisão e brinco com o avô

Estagiária: E tu S? Costumas ir à casa dos avós?

S: Sim

Estagiária: E o que fazes lá na casa da avó e do avô?

S: Jogos

ML: Os avós vão comigo ao parque

MLM || I || C: A minha também vai ao...||Eu também vou ao parque com...|| Os meus também

Estagiária: E cozinhar com a avó? Fazer bolos ou biscoitos, alguma vez fizeram?

Vários: Sim || Já || Eu faço

LS: Eu venho para a escola com o avô tantas vezes

Estagiária: Muito bem, e que meninos é que já vieram com os avós para a escola? Ou quais foram os meninos que os avós já vieram buscar à escola?

MLM: Eu sim

R: Eu já, eu já

RC: Eu, eu, eu

V: Hoje eu vim com a minha avó para a escola e a minha avó já buscou tantas vezes

MLM: Eu venho sempre com a avó

Estagiária: Muito bem! Então agora vamos ouvir esta história que se chama “Os meus avós são especiais” de Jennifer Moore.

Leitura da história e interação com o grupo

Estagiária: Gostaram da história? O que é que aconteceu aqui?

ML: O menino lançava papagaios com a avó

MC: E fazia bolos

Estagiária: E com o avô?

F: Andava de bicicleta

Estagiária: Vocês também fazem estas coisas com os vossos avós? Ou fazem outras?

FM: Eu nunca lancei papagaios

L: Eu faço biscoitinhos com a vóvó que está em Portugal.

MC: Eu ando de bicicleta com os avós, foram eles que ensinaram

MLM || I: Eu faço bolos e...|| Eu faço bolinhos com a avó...

Estagiária: Muito bem, e tu FP? O que fazes com os avós?

FP: Jantar

Estagiária: Boa FP, vais ser muito boa cozinheira então! E os vossos avós estão todos perto de vocês? Ou têm alguns avós que vivem mais longe?

S: Longe

Estagiária: Quais são os avós que vivem longe S? Os avós do lado do pai ou os avós do lado da mãe?

S: Do pai

Estagiária: Ah então os teus avós paternos vivem um pouco longe, mas os teus avós maternos vivem cá.

S acena que sim com a cabeça

F: Tenho uns avós que vivem em Cascais, mas eu vejo-os várias vezes

MC: A minha avó vive ao pé da minha casa

ML|| V: A minha também || A minha também

L: A minha mãe mora na casa da minha avó. A outra avó está no Brasil, mas eu vejo ela no telefone

V: a minha bisavó e o meu avô vivem em Cascais. São os mesmos avós do F.

F: Pois é

C: A avó faz bolos

Estagiária: E tu MLM? Não vives com a avó?

MLM: Sim, mais o mano

Estagiária: Pois é, a MLM vive com a avó, quer dizer, com a bisavó, não é?

MLM: Sim

Estagiária: E o que fazes com a bisavó?

MLM: Cozinhar

Estagiária: Muito bem meninos! Alguém quer dizer mais alguma coisa dos avós?

C || RC: Eu || Eu quero

C: A prima também vai à casa da avó e a mana também

RC: Eu ando de bicicleta com o avô

LS: Hoje é avô que vem buscar

Estagiária: E quem é que está todos os dias ou muitas vezes com os avós?

Vários: Eu

Estagiária: E quem tem alguns avós longe?

LS || FP: Eu

Identificação das Fotografias

Fotografias da V (uma com a avó materna e outra com a avó paterna)

Estagiária: Estas fotos são de quem?

V: Minhas

Vários: da V || da avó da V

Estagiária: E quem são estas pessoas nas fotografias V?

V: É a avó Ana e a avó Teresa

Estagiária: E esta aqui, a avó Teresa, é a mãe de quem?

V: Da minha mãe.

Estagiária: E a avó Ana?

V: É mãe do meu pai.

Fotografia da MLM (uma fotografia com a bisavó materna)

Estagiária: E esta fotografia é de quem?

Vários: MLM || Da MLM com a avó

MLM: É minha com a avó

Estagiária: E como se chama a avó?

MLM: Angelina

Estagiária: Muito bem, e a avó Angelina é avó da tua mãe, não é? Ela é tua bisavó

MLM: Sim

Fotografia da R (com a avó materna)

Estagiária: E quem são estas duas meninas bonitas?

R: Eu e a avó

F: A R

Estagiária: Muito bem, é a R com a avó, e como se chama a avó?

R: a avó Maria

Estagiária: Muito bem. E a avó Maria é mãe da tua mãe ou mãe do teu pai?

R: É a mãe da mãe

Estagiária: Muito bem!

Fotografia da ML (com a avó materna)

Estagiária: E esta senhora aqui, é a avó de quem?

RC || MC: da ML

ML: É minha, é a avó Lena

Estagiária: Boa! E a avó Lena é mãe de quem?

ML: Da mãe

Estagiária: E costumavas passar muito tempo com a avó Lena?

ML: Sim, ela vive ao pé da minha casa

Estagiária: Ai que bom!

Fotografia da C (com a avó materna e a bisavó materna)

Estagiária: E estas? Quem são estas meninas?

C: Sou eu

Estagiária: E estás com quem nesta fotografia?

C: com a avó que vai à minha casa

Estagiária: E mais? Quem é a outra senhora?

C: é a outra avó

Estagiária: E como é que elas se chamam?

C: Não sei os nomes

Estagiária: Não faz mal, gostas muito, muito delas na mesma, não é?

C: Sim

(A menina chamava apenas avó, também devido à complexidade dos nomes, é a avó Graviolinda e a bisavó Floripes)

Fotografia do S (com os avós paternos)

Estagiária: Uau que giros! Quem são estes? Quem é este menino?

V || ML: O S

S: Sou eu

Estagiária: E quem são estas pessoas que estão aqui contigo?

S: O avô e a avó

Estagiária: E qual é o nome deles?

S: a avó Gena e o avô Jo (Eugénia e Jorge)

Estagiária: Muito bem, estão muito giros.

Fotografias da L (fotografia com a avó materna, fotografia com a avó paterna e fotografia com os pais e os bisavós maternos)

Estagiária: Quem está nesta fotografia?

L: A vovó Tânia

Estagiária: Estão muito giras. E a avó Tânia é mãe de quem?

L: Da mãe

Estagiária: E esta avó está cá ou no Brasil?

L: No Brasil

Estagiária: E nesta fotografia estás com quem?

RC: Com a outra avó

L: Com a vovó Sully

Estagiária: E a avó Sully é mãe de quem?

L: É mãe do pai

Estagiária: E também está no Brasil? Ou está ca?

L: Em Portugal

Estagiária: Muito bem! E por último, que está nesta fotografia?

L: A mãe, o pai, a vovó Andrea, o vovô e eu

Estagiária: Boa L, que giros que estão!

Fotografia da I (com os avós maternos)

Estagiária: E de quem é esta fotografia?

F: Da I

I: É minha

Estagiária: E quem esta nesta fotografia?

I: Sou eu

Estagiária: E mais?

I: O avô Fernando e a avó Noémia

Estagiária: Muito bem, e tu costumavas estar muito tempo com os avós?

I: Sim, vou para a casa deles

Estagiária: Que giro, é muito fixe ir para a casa dos nossos avós.

Fotografia do RC (com o avô paterno)

Estagiária: Olhem só estes dois giraços. Quem são?

Vários: O RC || O RC e o avô

RC: Sou eu e o avô Jorge

Estagiária: Estão mesmo giros. O avô Jorge é o pai de quem?

RC: Do pai

Estagiária: Muito bem!

Fotografias da FM (fotografia com o irmão e a avó materna e fotografia com o irmão e os avós paternos)

Estagiária: Quero saber quem são estas pessoas na fotografia! E quem é esta menina bonita aqui?

FM: Sou eu e o mano com a avó Lena (Helena)

Estagiária: E a avó Lena é mãe de quem?

FM: Da mãe

Estagiária: Estão muito bonitos! E nesta fotografia, quem é?

FM: A outra avó e o avô Santos

Estagiária: Que são os pais do pai, não é?

FM: Sim, eles vão ao parque comigo

Estagiária: Que divertido! Também quero

Fotografia do F (com o avô Paterno)

Estagiária: E estes dois jovens, quem são?

F: Sou eu e o avô Xico (Francisco)

Estagiária: Tens um avô com o mesmo nome que tu?

F: Sim, mas eu sou Kiko e ele é Xico

Estagiária: Uau, isso é mesmo fantástico, que fixe.

Registo das palavras para escrever no coração que completa a frase “Eu gosto dos meus avós porque...”

V: os avós levam-me a apanhar maçãs nas árvores e dão beijinhos.

MC: eles brincam comigo aos legos e fazemos bolos juntos.

LS: o avô leva-me à escola e dá beijinhos.

ML: o avô leva-me à horta a pôr as alfaces e os tomates. A avó faz bolos comigo.

I: eles dão-me colinho e mimiinhos. O avô brinca comigo e a avó pinta comigo.

R: eles jogam comigo e levam-me a casa deles para jantar.

RC: porque eles brincam comigo e dão beijinhos e abraços.

S: o avô brinca comigo aos carros e jogos. A avó dá abraços e beijinhos.

F: contam-me histórias de antigamente e levam-me a passear.

C: elas me dão abraços, brincam comigo e dão-me lanche.

FM: eles fazem jogos comigo e com o mano, é muito divertido.

MLM: ela cuida de mim e faz bolos comigo.

L: eles brincam muito comigo e avó passeia comigo e faz bolos.

FP: eles brincam comigo e levam-me a casa deles.

Anexo III – Atividade “História dos Avós”

Para uma leitura mais naturalista desta transcrição, por favor usar simultaneamente o registo de vídeo em anexo (suporte digital acoplado na face interior da contracapa)

1º Tentativa

Atividade realizada no tapete da sala, em roda, com a outra estagiária a filmar e a educadora e a auxiliar a observar

Estagiária: Hoje vamos fazer uma coisa diferente, em vez de ser eu a contar uma história, vamos tentar criar uma história onde falemos dos nossos avós, daquilo que sentimos quando estamos com os nossos avós, e por aí, ok? Vamos começar? Vamos concentrar e criar aqui uma história muito muito gira. MC queres começar tu?

MC: Sim

Estagiária: Então vamos lá

Momento de Silêncio

MC: Não sei

Estagiária: E tu V?

V: Não sei

Estagiária: Não sabem como começar a história? Como é que começam as histórias? Queres que seja eu a começar?

V: Sim

Estagiária: Então vá, a fingir que eu sou um menino também.... Era uma vez uma senhora chamada Marta...

Momento de Silêncio

Estagiária: Continua

LJ: uma senhora

Estagiária: E como era essa senhora?

V: Não sei

Estagiária: R?

R: Não sei

Estagiária: L?

L: Não sei

Estagiária: Como era essa senhora?

FM: Não sei

Estagiária: RC?

RC: Não sei

Estagiária: Olhem, não é só 'não sei, não sei, não sei' e todos dizem não sei porque os outros dizem não sei. Assim não dá, a Sol já começou, era uma vez uma senhora chamada Marta, como era essa senhora? Pensem nos vossos avós.

Estagiária: ML?

Momento de Silêncio

Interrupção pela Educadora

Estagiária: Vamos lá tentar mais uma vez então... podem inventar, é livre, podem dizer o que quiserem. Era uma vez uma senhora chamada Marta. E depois LJ?

Momento de Silêncio

Estagiária: I?

I: e um senhor

Estagiária: Boa havia uma senhora chamada Marta e um senhor. E depois LS?

LS: Desapareceu o Sol

Estagiária: Desapareceu o sol... ok! E depois? ML?

ML: Apareceram as nuvens carregadas

Estagiária: Ok, apareceram as nuvens carregadas... MLM?

Momento de Silêncio

Estagiária: C, o que aconteceu depois?

Momento de Silêncio

Estagiária: Rafa?

Estagiária: Era uma vez uma senhora chamada Marta e um senhor, e o sol desapareceu nesse dia e apareceram as nuvens carregadas. E depois?

Momento de Silêncio

Estagiária: E depois FM?

FM: veio a chuva

Estagiária: Boa, veio a chuva... e mais L?

L: e depois veio o sol

Estagiária: E depois R?

Momento de Silêncio

Estagiária: V?

V: apareceu o arco-íris

Estagiária: Ok, e depois MC?

MC: Apareceu a chuva e nuvens

Estagiária: Então esse senhor e essa senhora foram buscar a neta à escola. E depois LJ?

Momento de Silêncio

Estagiária: O que aconteceu depois? Foram buscar a neta à escola e depois o que aconteceu?

Momento de Silêncio

Estagiária: Inês? O senhor e a senhora foram buscar a neta à escola, nesse dia apareceu o arco-íris, a chuva e as nuvens, e a seguir?

I: Foram ver o arco-íris

Estagiária: Foram ver o arco-íris, boa e depois? LS?

LS: Estavam à chuva

Estagiária: ML?

ML: Foram para casa

Estagiária: E depois FP? O que aconteceu em casa?

Momento de Silêncio

Estagiária: MLM?

Momento de Silêncio

Estagiária: C? O que aconteceu depois em casa?

Momento de Silêncio

Estagiária: RC?

RC: A menina brincou

Estagiária: A menina foi brincar, muito bem. E mais FM?

FM: A avó deu sopa

Estagiária: A avó deu a sopa? Boa! E depois L?

L: Voltou para a escola

Estagiária: E depois R?

Momento de Silêncio

Estagiária: A menina brincou, a avó deu-lhe a sopa e voltou para a escola. O que aconteceu depois? O que achas?

Momento de Silêncio

Estagiária: V?

V: Estavam a cair pingos de chuva em casa

Estagiária: Estavam a cair pingos de chuva em casa?

V: Sim

Estagiária: E depois MC?

MC: A menina foi para a cama

Estagiária: A menina foi para a cama e o avô foi-lhe dar um beijinho de boa noite. LJ és tu, o que aconteceu depois de o avô lhe dar um beijinho de boa noite?

Momento de Silêncio

Estagiária: LJ, não queres responder?... I?

I: E um abraço

Estagiária: O avô deu-lhe um abraço e um beijinho de boa noite. E mais LS?

LS: Estava muita chuva

Estagiária: E depois ML?

ML: Ela voltou para a escola

Estagiária: FP?

FP: O sol voltou para o céu

Estagiária: E mais MLM?

MLM: Chover

Estagiária: E mais C?

Momento de Silêncio

Estagiária: E mais RC?

RC: Apareceu o arco-íris

Estagiária: Outra vez? E mais FM?

FM: A menina comeu um chupa-chupa

Estagiária: Comeu um chupa-chupa? Boa. E mais L?

L: Apareceu o sol

Estagiária: Outra vez... e depois R?

R: Apareceu o arco-íris

Estagiária: E depois V?

V: As nuvens carregadas voltaram

Estagiária: E depois MC?

MC: O avô foi buscá-la

Estagiária: O avô decidiu ir com ela para casa da avó

Estagiária: E depois LJ?

LJ: Ela brincou

Estagiária: E brincou com quem I?

I: Com a mãe

Estagiária: E depois LS?

LS: Desapareceu a chuva

Estagiária: E depois ML?

ML: Apareceu o sol

Estagiária: E depois MLM?

MLM: Apareceu as nuvens

Estagiária: E depois RC?

RC: Ela comeu a sopa

Estagiária: E depois FM?

FM: Foi brincar com a mãe

Estagiária: E depois L?

L: Apareceu o arco-íris

Estagiária: E depois R?

R: Apareceu a chuva

Estagiária: V, e depois?

V: A mãe levou à escola

Estagiária: E depois MC?

MC: foi para casa brincar com a avó

Estagiária: E a avó Marta levou-a para a horta

Estagiária: E depois LJ? O que fizeram lá na horta?

LJ: Plantaram

Estagiária: Plantaram... e depois I?

I: Com o avô

Estagiária: E depois LS?

LS: Apareceu o arco-íris

Estagiária: ML, e a seguir?

ML: Foram jogar hóquei

Estagiária: Muito bem, e depois FP, o que aconteceu?

FP: Veio o arco-íris

Estagiária: E depois MLM?

MLM: Começou a chuva

Estagiária: C?

C: O sol

Estagiária: E depois RC?

RC: Foi comer o segundo

Estagiária: E a seguir FM?

FM: Comer a sopa

Estagiária: E depois L?

L: Apareceu o arco-íris

Estagiária: E depois R?

R: Apareceu o sol

Estagiária: E depois V?

V: Veio as nuvens

Estagiária: E depois MC?

C: Comeu um chupa-chupa

Estagiária: Boa, foi a sobremesa? Agora sou eu. E esta era a rotina da neta da avó Marta. Pode ser este título?

Vários: Sim

ML: Mas Marta, mas tu não és avó!

2º Tentativa

Parte 1 – Início e Corpo da História

Atividade para ser feita na rua, mas foi realizada nas escadas, à porta da sala, porque estava a chover. Apenas com a minha presença e da outra estagiária

Estagiária: Nós hoje vamos construir uma história, como fizemos da outra vez, mas a da outra vez já está encerrada, ficou boa, a Sol guardou e depois trago para vos mostrar. A que vamos fazer hoje vai ser de outra maneira, então vamos fazer assim, vamos criar uma história onde as personagens dos avós têm que lá estar, podemos criar outras personagens, mas os avós têm que lá estar. Então, como é que esta história começa? Quem vão ser as nossas personagens? Onde é que esta história começa, digam-me lá!

Estagiária: Ideias? Podem dizer o que quiserem, podem falar e dar as ideias que quiserem. Quem vão ser as nossas personagens nesta história? Pensem comigo! Vamos ter as personagens dos avós, certo? E quem é que pode participar mais nesta história?

ML: O pai

Estagiária: Boa!

RC || V: A mãe

F: E um filho

Estagiária: E onde é que esta história começa? O que aconteceu? Pensem lá...

ML: O filho foi andar de bicicleta

Estagiária: Ok, e mais?

V: A mãe estava a fazer o jantar

Estagiária: A mãe estava a fazer o jantar enquanto o menino estava a andar de bicicleta, muito bem! E a seguir?

MC: O pai estava no sofá

Entrada da LS no corredor

Recapitulei tudo desde o início para ela perceber e acompanhar e os colegas repetem o que já tinham dito

Estagiária: LS podem falar quando quiserem e dar as ideias que quiserem! Então vamos lá contar à LS o que já falamos.

V: O filho estava a andar de bicicleta com o avô

ML: E a mãe estava a trabalhar

Estagiária: Boa e pensem lá o que aconteceu a seguir

V: O pai estava no sofá

R: E a avó a fazer o jantar

Estagiária: Ok ok

RC: O pai foi para cama

V: E... e....

ML: E depois foram para o rio nadar

V: E fizeram uma festa

Estagiária: Uma festa? Fazia alguém anos?

MLM: Fazia a avó

Estagiária: E quem é que estava nessa festa

Vários: O pai, o avô, a mãe, o tio...

Estagiária: O tio também lá estava?

C: E a tia

Estagiária: Boa! E o que é que aconteceu nessa festa?

V: Cantaram os parabéns

ML: E depois comeram um bolo de chocolate com pintarolas

Estagiária: Um bolo de chocolate com pintarolas?! Aí que bom

F: Eu já fiz uma vez

Vários: Eu também, eu também

V: Eu já fiz uma mousse

R: Brigadeiro

ML: Também havia gelados e rebuçados

C: E gomas

F: E banana

Estagiária: Aí tantos doces... Boa, banana! A fruta também é importante. E o que aconteceu a seguir a essa festa?

ML: Ficaram com dor de barriga

Estagiária: Foi? Então porquê?

FP || V || F: Comeram muitos doces

Estagiária: Muito bem, muito bem! E depois de todas estas aventuras...

LS: Arrumaram tudo

F: Comeram banana

MC: E comeram alface e fruta

Estagiária: Vegetais e fruta, boa!

V: E beberam água!

Estagiária: E de seguida, aconteceu essa festa, arrumaram tudo como a LS disse e o que aconteceu depois? O menino foi fazer alguma coisa com os avós? Foi dormir? O que é que ele fez?

ML: Estava a pintar e a trabalhar

Estagiária: Quem? Quem é que estava a pintar e a trabalhar?

ML: O menino estava a pintar e o pai a trabalhar

Estagiária: Boa! E digam-me lá uma coisa muito importante, esse menino tem nome?

MC: É João!

Estagiária: Concordam todos? Pode ser João?

Vários: Sim! Sim!

Estagiária: E um nome para o pai?

Vários: Pode ser... || Hum... || Ah... ||

F: Miguel

Vários: Miguel

Estagiária: Concordam todos com o Miguel?

Vários: Sim

Estagiária: E um nome para a mãe?

Vários: Hum... || Ah...

ML: Joana

V || FP || RC: Joana || Joana || Joana

Estagiária: Concordam todos?

Vários: Sim

Estagiária: Então temos um pai Miguel e uma mãe Joana e um filho João. Falta nomes para os avós!

F: Sim

I: Pois

Estagiária: Como é que se chama o avô? R, o que achas?

R: José

Estagiária: Gostam de José? Concordam todos?

Vários: Sim, sim

V: E a avó, e a avó era Maria

Estagiária: Maria? Concordam todos?

Vários: Sim

Estagiária: Olhem, e então o que aconteceu a seguir nesta história?

ML: O menino foi tomar banho

Estagiária: Boa, o menino João foi tomar banho. Ele nesse dia ia ter um dia muito preenchido, o que é que ele ia fazer nesse dia?

MC: Ia para a escola

V: Para a escola

Estagiária: Sim, e o que aconteceu na escola?

LS: Foi fazer pinturas

F: E portou-se muito bem

ML: E depois foi tomar o pequeno-almoço

F: Já tinha tomado

Estagiária: Muito bem, foi para a escola, antes tomou o pequeno almoço, fez pinturas, portou-se muito bem, depois foi almoçar

RC: E lanchar

Estagiária: E o que é que ele fez à tarde? Quem é que o foi buscar?

ML: O avô José

V: E o pai

I: E depois foram para casa lanchar

F: Já tinham lanchado

ML: E depois foi buscar um cobertor para o José

Estagiária: Um cobertor? Porquê? Estava frio?

Vários: Sim

C: Porque o José não tinha cobertor

Estagiária: E normalmente, quando está frio, o que é que fazemos, MLM?

Momento de Silêncio

Estagiária: V, queres ajudar a MLM?

V: 'Pomos' um casaco

Estagiária: Pode ser sim, mas e se estivermos em casa, naqueles dias muito frios, o que fazemos? Ajudem lá a Leonor

F: 'Tapamos'

Vários: Uma manta || Uma roupa quentinha || Uma camisola || E... e... || para um lugar quente

Estagiária: Sim, mas há uma coisa em casa, que quando está frio dá para acender, que aquece... que é o ...

Vários: Uma lareira

Estagiária: Podemos acender a lareira, boa! Tens lareira em casa MLM?

MLM: Sim

F: Eu tenho

ML: A minha avó tem lareira

Vários: Eu tenho || A minha também || Eu também || A minha avó também tem

F: Na minha sala grande eu tenho uma lareira

V: Eu não tenho

S: Eu também não

Estagiária: Muito bem, o avô estava com frio e o João foi buscar uma manta para o avô e acenderam a lareira porque estava muito frio... E o que é que aconteceu à hora do jantar? Aconteceu alguma coisa em especial?

Vera: O José foi trabalhar para os cavalos

Estagiária: O avô José foi trabalhar nos cavalos? Boa! E no dia a seguir?

ML: Foi fim de semana

Estagiária: Boa! E o que aconteceu nesse fim de semana? O que é que o menino João ia fazer com os pais e os avós?

MC: Foi ver um filme

F: Foi ver os cavalos

V: Um filme dos Mínimos

Estagiária: Foi ver o filme dos Mínimos e depois os cavalos? Ok

ML: E foi ver os Reis Magos ao pé do seminário

LJ: E foi ver os gatos

Estagiária: E mais Clarinha?

C: Os cães

F: E ver os tubarões

LS: Foi à praia ver os tubarões

RC: E foi pescar

Estagiária: Bem, vai ser um dia em grande este dia do João! E ele fez essas coisas todas com quem?

Vários: Com a avó || O avô || O pai

F: Com todos

Vários: E com o tio || Os primos || A tia

Estagiária: Ah então foi a família toda, certo? Mas agora estamos em tempo de pandemia com o Covid, não podia ir tanta gente. Acham que era permitido ir essas pessoas todas?

F: Iam separados

V: Não faz mal, eles são todos família

Estagiária: Então, recapitulando, nesse fim de semana o João foi ver os cavalos, um filme, os gatos e os cães e foi à praia pescar e ver os tubarões

FP: E os golfinhos

Estagiária: Muito bem! Fantástico. E mais A? O que é que o João fez mais nesse fim de semana com os avós?

A: Foi para casa

F: E esteve a lanchar

Estagiária: E o que aconteceu em casa?

R: Ele foi brincar

ML: E depois o filho disse que queria ver os bonecos e a mãe não deixou

Estagiária: E ele ficou chateado por a mãe não o deixar ver os bonecos?

Vários: Sim || Ficou || Um bocadinho

F: Não

V: Ficou a chorar

Estagiária: E o que é que ele fez para passar a tristeza dele?

Carolina: Foi buscar as canetas

Estagiária: E o que é que ele fez com as canetas? LS?

RC: Desenhou uma televisão e comandos

MLM: Recortou

Estagiária: Desenhou uma televisão e uns comandos e recortou, muito bem, e mais Lada?

LS: Pintou desenhos

Estagiária: E ele fez mais alguma coisa nesse fim de semana com os avós?

S: Sim

F: Foi à rua, passear

RC: Jogou às escondidas

R: Foi buscar terra com a avó

A: Brincou

Estagiária: Boa, brincou, jogou às escondidas, foi passear. Mas, a R estava aqui a dizer que ele foi buscar terra com a avó, para quê? O que podemos fazer com a terra?

ML: Fazer castelos, e o meu pai já me fez com areia da praia

F: Podemos usar para fazer crescer árvores

Estagiária: Costumam usar a terra para fazer alguma coisa com os vossos avós?

ML || V: Castelos || Construções

Estagiária: Boa, isso também dá, mas se calhar é mais com a areia da praia. E com terra? Aquela terra onde às vezes colocamos umas sementes e depois nascem coisas.

F: Para as árvores

C: Para as hortas

ML: Plantar

Estagiária: Boa, e o que é que podemos plantar com a terra?

F: Sementes

C: Batatas

ML: Alface, Batatas, Couves, Tomates

MC: Flores

Estagiária: E onde é que se planta essas coisas todas?

F: Dentro de uma horta

Estagiária: Muito bem e o que é que eles fizeram depois de plantar?

A: Foram passear no jardim

R: Jogaram à apanhada

Estagiária: Muito bem meninos e meninas! Agora vamos só tentar fazer uma coisa!

A estagiária explicou o que era um par e criou pares e pediu-lhes para conversar entre eles, mas o grupo não aderiu, não se sentindo à vontade e um pouco sem perceber, então encerrámos a atividade por ali e continuámos no dia a seguir.

Parte 2 – Fim da História

Estagiária: Meus amores, então vamos acabar a história dos avós que começámos ontem. Lembrem-se como é que era a história?

Vários: Sim

V: Era a história dos avós

Estagiária: Boa e lembram-se do que falámos?

Vários: Sim

Relebrámos a história, o grupo lembrava-se bastante bem do que tínhamos feito.

A estagiária dividiu o grupo em trios.

Estagiária: Meninos, agora a Sol agora vai contar aqui no relógio dois minutos e vocês nesse tempo vão com os vossos coleguinhas que estão com vocês nesses grupos falar e decidir como vai acabar a nossa história, ok? O que vai acontecer, como vai acabar e por aí.

Inicialmente, o grupo ficou um pouco observador, mas quando comecei a falar com a minha colega, de modo a dar o exemplo também e sem olhar muito para eles, os grupos começaram a conversar sobre a história, aos poucos.

Estagiária: Então, já conversaram? Contem-me lá o que decidiram sobre o final da nossa história! Quais são as ideias?

V || MLM: O menino foi tomar banho || E foi para a escola

F: Havia uma surpresa e foram fazer um piquenique

Estagiária: E o vosso grupo MC, C e ML? Quais foram as ideias?

MC: A avó deu a sopa ao menino e ele não queria

Estagiária: E o vosso grupo S, RC e I?

RC: O menino foi comer o segundo

Estagiária: Bem, temos aqui muitas ideias! Então e se juntarmos estas ideias todas para criar o nosso final, o que acham?

Vários: Sim

Estagiária: Então podemos começar pela ideia de o menino ter ido tomar o pequeno-almoço! Ele foi tomar o pequeno-almoço com quem? O que comeu? Onde é que ele foi tomar o pequeno-almoço?

Vera: Papa Cerelac

Vários: Com a avó || Com o avô || Com o pai || Com a mãe || Com a tia

Estagiária: Ok, comeu com a família toda. E eles comeram onde?

Vários: Em casa

RC: Fizeram um piquenique

L: Sim, um piquenique

I: Ao almoço

Estagiária: Boa, foram fazer um piquenique ao almoço. E quem estava nesse piquenique? O que aconteceu lá?

V: Começou a chover e eles foram embora

FM: E encontraram a Elsa

Estagiária: Então fizeram um piquenique, mas correu tudo mal, começou a chover e eles foram embora para casa e encontraram a Elsa. Quem era a Elsa?

ML: A irmã

Estagiária: Hum ok e o que aconteceu a seguir?

FP: Estava a chover mais

F: A Elsa fez uma casa de gelo

Estagiária: O que acham que o João sentiu por o piquenique com os avós correr mal? Como é que ele se sentiu? Como é que ele ficou?

S: Triste

Vários: Triste

ML: E encontrou um leão

Estagiária: Interessante... então, mas acaba assim a nossa história? Com o João triste e a encontrar um leão?

Vários: Não

F: Tem de ser um fim mais feliz

Estagiária: Então vamos lá dar um final feliz à nossa história. Como é que vai acabar esta história maravilhosa?

ML: O avô foi...

F: Eles tiraram o gelo e fizeram uma casota dos pinguins

V: Os avós foram à quinta com o neto

Estagiária: A V estava a dizer que o João, o neto, foi à quinta com os avós e o que é que aconteceu?

ML: Ele ficou feliz

MLM: E foi para casa

I: Apareceu o arco-íris

F: O menino fez a árvore de Natal

Estagiária: O Natal é muito importante... ele estava feliz por ser Natal?

Vários: Sim

Estagiária: E o que é que é importante no Natal?

S: O presépio

Estagiária: E estarmos com quem?

V: Com os avós, com os tios

Estagiária: Boa, estarmos com os tios, avós, os pais, ou seja, é estarmos com a nossa...

Vários: Família

F: E o menino fez o presépio com os avós, todos juntos

Estagiária: Muito bem! Esta história ficou incrível, aconteceu tanta coisa nesta história! O João gostava muito dos avós não gostava?

Vários: Sim

Estagiária: E vocês? Também gostam dos vossos avós?

Vários (colocaram-se de pé com o dedo no ar): Eu || Eu gosto || Sim || Eu adoro || Gosto

Estagiária: E porque é que gostam dos vossos avós?

F: Porque são queridos

ML: Porque são queridos e adoráveis

V: São amigos

RC: E adoramos

E: E o que é que vocês gostam mais de fazer com os vossos avós?

R: Brincar

F: Passear com os meus avós

C: Brincar aos unicórnios

V: Brincar com os unicórnios com a avó

S: Jogar com os carros

MC: Gosto de andar de patins com a avó

Estagiária: Patins? Sabes andar? Quem é que te ensinou a andar de patins?

MC: O pai e o avô

Estagiária: Boa, boa!

Vários: Eu não sei || Eu não consigo

Estagiária: Bem, meninos. Obrigada por terem construído esta história com a Sol, ficou maravilhosa! A Sol depois traz para vos ler, vai ser muito divertido.

Fim da Atividade

Anexo IV – Planificação da Atividade “História dos Avós”

Atividade ‘História dos Avós’			
Áreas de Conteúdo	Objetivos	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Área da Formação Pessoal e Social ▪ Área da Expressão e Comunicação <ul style="list-style-type: none"> - Domínio da Educação Artística <ul style="list-style-type: none"> - Subdomínio das Artes Visuais - Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural; ▪ Cooperar com outros no processo de aprendizagem; ▪ Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social; ▪ Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia. ▪ Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. ▪ Inventar e representar personagens e situações, por iniciativa própria e/ou a partir de diferentes propostas, diversificando as formas de concretização. ▪ Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação; 	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas • Canetas 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observação Direta; ▪ Registo Escrito e Fotográfico; ▪ Conversa com a educadora e a ajudante de ação educativa; ▪ Preenchimento da Tabela de Bem-Estar e Envolvimento.

- | | | | |
|--|---|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none">▪ Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade). | | |
|--|---|--|--|

Estratégias

Nesta atividade, aproveitando a abordagem aos avós na atividade em que o grupo se tem que expressar a partir de uma emoção, e construir uma história oralmente acerca dos avós, onde as crianças é que vão construir a mesma. A estagiária explicará em que consiste a atividade e de seguida começará a história e depois cada criança comentará e acrescentará um bocadinho à história, por exemplo, a estagiária diz 'Era uma vez, um menino que vivia com os avós...' , de seguida uma criança completa com um comentário, por exemplo 'o avô chamava-se João' e outra diz "a avó chamava-se Laurinda" de modo a originar uma história em que falem dos avós, do que sentem quando estão com eles e dos momentos/atividades que fazem com os mesmos. O excerto acima apresentado foi apenas um exemplo de um possível andamento que a história poderá ter. Um dos principais objetivos desta atividade é levar a criança a refletir e a pensar em situações/momentos e a expressar-se autonomamente. A história será registada pela estagiária e lida por completo no final.